



cinemateca FEVEREIRO 2025

**MICHAEL CURTIZ
ERA UMA VEZ... O WESTERN
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL
HISTÓRIAS DO CINEMA:
JOHN CARPENTER/JEAN-BAPTISTE THORET**

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Fevereiro é o mês do festival PLAY e mais uma vez a Cinemateca Júnior colabora com este, nos dois sábados da segunda metade do mês. No dia 15 temos nova cine-performance da atriz Leonor Cabral, que nos vem ajudar a descobrir o filme de Monique Rutler ASSOA O NARIZ E... PORTA-TE BEM!, de 1981. No fim de semana seguinte, temos uma sessão de curtas-metragens, que combina filmes recentíssimos, de animação e imagem real, com filmes dos arquivos da Cinemateca, escolhidos e apresentados pelos aprendizes de programadores e mediadores (inter)culturais participantes no programa de literacia fílmica FILMSCHOOL. Antes, a começar o mês, mostramos dois filmes muito diferentes e igualmente preciosos. O primeiro vem de um país e um tempo distantes: "NASCI, MAS...", filme mudo do realizador japonês Yasujiro Ozu, com acompanhamento ao piano, como convém, de Catherine Morisseau. O segundo vem do nosso país vizinho e é muito recente: VERÃO 1993, da realizadora espanhola Carla Simón, da Catalunha, que mostramos pela primeira vez.



ESTIU 1993

► Sábado [01] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UMARETE WA MITA KEREDO

"Nasci, Mas..."

de Yasujiro Ozu

com Hideo Sugawara, Tokkan Kozo, Tatsuo Saito

Japão, 1932 – 91 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/6

ACOMPANHADO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

"NASCI, MAS..." (conhecido em francês como GOSSES DE TOKYO, ou "miúdos de Tóquio") é considerado como o primeiro dos grandes filmes de Yasujiro Ozu. Para Donald Richie é "a primeira vez que o cineasta combinou na perfeição todos os elementos que caracterizam o seu estilo". História trágico-cômica sobre a relação entre um homem e os seus dois filhos, que não percebem por que motivo tem o pai de agir com tanta subserviência perante o patrão. Um encantador filme mudo a redescobrir, com acompanhamento musical ao vivo.

► Sábado [08] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ESTIU 1993

Verão 1993

de Carla Simón

com Laia Artigas, Paula Robles, Bruna Cusí, David Verdager

Espanha, 2017 – 96 min / legendado em português | M/12

No verão de 1993, Frida tem seis anos e grandes mudanças acontecem na sua vida. Acaba de perder a mãe e, depois de ter vivido algum tempo com os avós em Barcelona, vai viver para uma aldeia algures nos campos da Catalunha, com os tios e a priminha. Todos a acolhem com amizade, mas Frida luta naturalmente para aceitar o que aconteceu e adaptar-se à sua nova vida. Um filme sensível e luminoso inspirado em factos da infância da realizadora e com interpretações magníficas de adultos e, sobretudo, crianças. Primeira apresentação na Cinemateca.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

► Sábado [15] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

COLECCIONADORES DE RARIDADES: CINE-PERFORMANCE

com a atriz Leonor Cabral

ASSOA O NARIZ E... PORTA-TE BEM!

de Monique Rutler

com Raquel Maria, Maria Vieira

Portugal, 1981 – 25 min

duração total da sessão: aproximadamente 60 min | M/6

Cine-performance em colaboração com o PLAY – Festival Internacional de Cinema Infantil e Juvenil de Lisboa, que nos traz mais uma raridade da história do cinema português, esta conservada nos Arquivos da RTP. ASSOA O NARIZ... E PORTA-TE BEM! foi realizado no âmbito de uma iniciativa europeia onde os vários canais públicos dos diferentes países desafiaram cineastas locais a realizarem um pequeno filme sobre a infância e a liberdade. Monique Rutler respondeu com este filme divertido e provocador, onde uma farsa (interpretada pelas atrizes Raquel Maria e Maria Vieira – esta última no seu primeiro papel como atriz) se combina com a reportagem de rua.

► Sábado [22] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca

OFICINA

BRINQUEDOS ÓTICOS: A MAGIA DAS IMAGENS EM MOVIMENTO

Podemos animar os nossos desenhos? Vamos descobrir aparelhos do século XIX que animam imagens e têm nomes complicados como Taumatrópio, Fenaquitiscópio e Zootrópio. Depois vamos construir um deles, que vamos levar para casa para surpreender todos com o movimento dos nossos desenhos!

Duração: 2 horas | Preço: 4€ por participante

Para crianças, famílias e público de qualquer idade (maiores de 6 anos)

Marcação prévia até 17 de fevereiro para cinemateca.junior@cinemateca.pt

► Sábado [22] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO FILMSCHOOL – FESTIVAL PLAY: CURTAS-METRAGENS

duração: aproximadamente 60 min | M/6

Esta sessão dedicada aos futuros programadores e mediadores culturais e para quem gosta de viajar com o olhar e estabelecer pontes entre filmes é feita no âmbito do programa de literacia fílmica FILMSCHOOL desenvolvido pela Cinemateca Portuguesa. A sessão vai ligar curtas-metragens contemporâneas do festival PLAY com curtas do arquivo da Cinemateca. Programa a anunciar. FILMSCHOOL é um projeto de cooperação bilateral, em parceria com o Norsk Film Institut, através da Cinemateket de Oslo, operacionalizado no âmbito do mecanismo de financiamento EEAGrants.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE I)	03
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE I, CONCLUSÃO)	06
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL IMAGENS DE JAVIER CODESAL	08
HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN CARPENTER/JEAN-BAPTISTE THORET	11
DE CALDEVILLA AO CINEMA NOVO: TRÊS ESTRATÉGIAS DO CINEMA PUBLICITÁRIO EM PORTUGAL	12
IN MEMORIAM JOSÉ BARAHONA COM A LINHA DE SOMBRA	13
A CINEMATECA COM A MONSTRA: SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO	14
ANTE-ESTREIA	14
O QUE QUERO VER	14
CALENDÁRIO	15/16

CAPA Montagem sobre filmes de Michael Curtiz

AGRADECIMENTOS

Stanley Shtinter, Carolina Dias, Hannah Prouse (British Film Institute), Matthieu Grimault (Cinémathèque Française), Patricia Heckert (Murnau Stiftung), Todd Wiener, Steven Hill (UCLA), Matt St. John (Wisconsin Film Center), Nikolaus Wostry, Anna Dobringer (Filmarchiv Austria), Clara Giruzzi (Hungarian Film Archive), Lynanne Schweighofer, Andrew Withmore (Library of Congress), Hugo Aragão Lopes (RTP), Kajsa Hedström (Swedish Film Institute), Paulo Soares



Iceland
Liechtenstein
Norway grants



Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE I)

Michael Curtiz (1886–1962) realizou um dos filmes mais míticos e célebres da História do cinema, CASABLANCA, que acabou por ocultar o restante da sua vastíssima obra (cento e sessenta e sete filmes, realizados entre 1914 e 1962, em três países), embora alguns outros filmes que assinou se tenham tornado clássicos, como THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD, ANGELS WITH DIRTY FACES e MILDRED PIERCE. Além disso, a figura de Curtiz (“o húngaro maluco”, nas palavras de Gore Vidal) viu-se cercada por um certo folclore, o de um homem temperamental, que trabalhava como uma máquina e cujos erros crassos na língua inglesa entraram para a lenda de Hollywood. Como tantos *makers* da sua geração, Curtiz realizou filmes em todos os géneros (melodramas, policiais, comédias, musicais, *westerns*, filmes “de época”, de terror, religiosos, biografias) e “foi capaz de adaptar-se a diferentes sistemas de produção, enfrentar os mais insólitos progressos tecnológicos e resistir a terríveis crises políticas e económicas”, como observou o crítico Pablo Mérida. Num cinema de géneros e não “de autor”, como o americano, Curtiz foi um franco-atirador que raras vezes errou o alvo, levando-se em conta que trabalhava num sistema em que os produtores tinham todo o poder e os realizadores eram executantes. Curtiz foi um dos muitos executantes cujo nome sobressaiu devido à sua competência artesanal e ao seu ecletismo.

Curtiz nasceu em Budapeste com o nome de Mihály Kertész, com o qual assinou quase todos os cinquenta e oito filmes que realizou antes de emigrar para Hollywood (quarenta na Hungria, dezoito na Áustria), assinando também alguns como Michael Kertész. O cinema chegou muito tardiamente à Hungria, em 1912, e foi Curtiz que realizou o primeiro filme de ficção húngaro, o hoje perdido MA ES HOLNAP/“HOJE E AMANHÃ”, que renegou, alegando a sua fraca qualidade. Fez então uma estadia de aprendizagem de alguns meses na Dinamarca, então grande potência cinematográfica, e ao regressar a Budapeste começou a encadear um filme atrás do outro, nos géneros mais variados, como faria até ao fim da vida, entre os quais uma adaptação de *Liliom* (1919), de Ferenc Molnar, que também seria transposto para o cinema por Fritz Lang e Frank Borzage, e que foi o seu último filme húngaro. A Hungria conheceu grandes convulsões políticas a seguir à dissolução do império austro-húngaro. Houve em 1919 o brevíssimo primeiro regime comunista fora da União Soviética (Curtiz arranjou maneira de fazer um filme de dez minutos sobre este tema!), seguido por um sanguinário regime de extrema-direita, o que fez com que ele e muitos outros nomes do cinema húngaro emigrassem para Viena. É lá que alcança a consagração definitiva com o seu décimo filme austríaco, SODOM UND GOMORRAH (1922), que o põe em posição de força e é seguido por outros filmes monumentais de grande êxito de público, como DER JUNGE MEDARDUS/“O JOVEM MEDARDUS” (1923), que adapta um texto de Schnitzler, e HAROUN AL RASCHID (1924), baseado nas *Mil e Uma Noites*. Quatro anos e oito filmes depois, aos quarenta anos de idade, Curtiz chega a Hollywood, num momento de migração maciça de técnicos, atores e realizadores europeus para a “capital do cinema”. É então que passa a assinar Michael Curtiz, seguindo a regra estabelecida de americanizar o seu nome. Curtiz faria toda a sua carreira americana na Warner Bros., à exceção de quatro filmes no seu período final. É preciso assinalar que dois anos depois de chegar a Hollywood Curtiz casou-se com Bess Meredyth, atriz e sobretudo reputada argumentista (entre outros, de BEN HUR, 1926, de Fred Niblo), que seria sua colaboradora próxima para a redação dos argumentos dos seus filmes, inclusive o de CASABLANCA, embora nem sempre creditada nos genéricos. Um nome mais conhecido a ter colaborado nos argumentos dos seus primeiros filmes americanos foi Darryl Zanuck, futuramente um dos mais poderosos produtores de Hollywood. Um ano depois da chegada de Curtiz a Hollywood a Warner desencadeia uma revolução ao produzir o filme que marca o início oficial do cinema sonoro, THE JAZZ SINGER, de Alan Crosland. Depois de mais um filme mudo e cinco semi-sonoros, Curtiz realiza o seu primeiro filme inteiramente sonoro em 1929 (GLAD RAG DOLL/ BONECA CAPRICHOSA) e prossegue a sua carreira a um ritmo vertiginoso, de modo ininterrupto, atingindo nos anos 30 a média de quatro filmes por ano. O seu escasso domínio sobre a língua inglesa fez com que dependesse de diretores de diálogos que supervisionavam as filmagens, o que o levou a concentrar-se sobretudo nos aspetos visuais dos seus filmes, sempre de alta qualidade e imaginação. Também neste sentido ele é a quintessência de um realizador da Hollywood clássica, pois o seu cinema é ao mesmo tempo anónimo e pessoal: os seus filmes são objetos industriais feitos com grande competência artesanal, porém sem características fortemente individuais. Por conseguinte, percorrer o seu cinema é percorrer boa parte do cinema americano clássico e rever alguns dos mais célebres atores deste cinema (Bette Davis, Errol Flynn, Humphrey Bogart, Ingrid Bergman) e também nomes como Fay Wray, Miriam Hopkins, John Garfield, Olivia de Havilland, Claude Rains, Edward G. Robinson, Ida Lupino e até Elvis Presley. Como notou John Gillett, “a sua capacidade de aceitar qualquer projeto torna difícil classificá-lo como um *autor*, embora haja uma consistência nos seus melhores filmes – a agudeza e a fluidez narrativa, no vigoroso desempenho das diversas estrelas com quem trabalhou, que dá a um filme de Curtiz uma identidade individual. O seu faro para pensar em termos puramente cinematográficos distingue-o nitidamente de alguns dos seus contemporâneos, que têm menos fluidez técnica”. Ao tentar definir esta indefinível personalidade cinematográfica, Richard Roud observou que a principal característica dos seus filmes é dar ao espectador muito “*mindless pleasure*”. Os dicionários traduzem *mindless* por *estúpido* ou *irrefletido*, mas no caso de Curtiz a tradução mais adequada seria *espontâneo*. O cinema de Hollywood no seu período clássico não é um cinema da reflexão ou da interioridade, é o cinema do prazer imediato, espontâneo e é exatamente por isto que Michael Curtiz, que nunca pertenceu à aristocracia de Hollywood, ilustrou como poucos as qualidades deste cinema. A retrospectiva dedicada a Michael Curtiz pela Cinemateca Portuguesa estender-se-á de fevereiro a junho e compreenderá mais de oitenta filmes, cobrindo meio século de cinema, de 1914 a 1960. Optámos por não apresentar os filmes em ordem cronológica, de modo a variar a oferta e demonstrar que – do início ao fim, de Budapeste a Los Angeles, do mudo ao CinemaScope – o ecletismo, a extravagância e a alta competência foram as características principais de Mihály Kertész/Michael Curtiz. Entre a oportunidade de rever alguns grandes clássicos e a descoberta de obras quase totalmente desconhecidas, uma grande aventura espera os espectadores da Cinemateca, repleta de surpresas.



- ▶ Quarta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [17] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CASABLANCA

Casablanca

de Michael Curtiz

com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Claude Rains, Paul Henreid

Estados Unidos, 1943 – 101 min / legendado em português | M/12

Como GONE WITH THE WIND noutra registo, CASABLANCA é um daqueles filmes que sintetiza a estética e os mitos de Hollywood no seu período clássico. Em Casablanca, durante a Segunda Guerra Mundial, um americano, dono de um *night-club*, reencontra a mulher com quem tivera um idílio em Paris, em companhia do marido, grande resistente anti-nazi, ambos à espera de um visto de saída. A mistura entre uma história de amor ilícita e o drama da Segunda Guerra Mundial (o filme é de 1942, quando o desenlace do conflito ainda estava incerto e até ao fim da rodagem não se tinha decidido se a mulher ficaria com o marido ou com o ex-amante) cria um duplo *suspense*, realçado pelo desempenho de todos os atores e por alguns dos mais célebres diálogos cinematográficos alguma vez escritos. Três Oscars (melhor filme, argumento e realização) premiaram este filme mítico. Enquanto houver cinema haverá CASABLANCA.

- ▶ Quinta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A TOLONC

“O Exílio”

de Mihály Kertész/Michael Curtiz

com Mari Jászai, Mihály Várkonyi, Lili Berkó

Hungria, 1914 – 67 min

JÖN AZ ÖCSEM

“O Meu Irmão Está a Chegar”

de Mihály Kertész/Michael Curtiz

com Oszkár Beregi

Hungria, 1919 – 10 min

Duração total da sessão: 77 min

mudos, com intertítulos em húngaro e legendagem eletrónica em português | M/12



Um duplo programa, com raridades do primeiro período de Curtiz, na sua Hungria natal, quando ainda assinava Mihály Kertész. A TOLONC adapta um romance húngaro do século XIX, em que uma jovem fica a saber que o homem que ela julga ser seu pai é na verdade o seu tio, que a criou depois da mãe dela ter sido condenada à prisão pelo homicídio do marido. O filme contém algumas impressionantes sequências, como a do casamento, em que todos os paroquianos usam trajes típicos da região. JÖN AZ ÖCSEM é um belo exemplo do sentido de oportunidade do mundo do cinema. Durante cinco meses (março a agosto de 1919), a Hungria teve o primeiro e efêmero governo comunista europeu depois da URSS, a República dos Conselhos. No filme de Kertész/Curtiz, realizado naquele mesmo ano, um jovem húngaro que ficara retido na União Soviética regressa ao seu país e desencadeia uma revolução.

- ▶ Sábado [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SODOM UND GOMORRHA

“Sodoma e Gomorra”

de Mihály Kertész/Michael Curtiz

com Georg Renner, Victor Verconi, Lucy Doraine

Áustria, 1922 – 150 min / mudo, com intertítulos em alemão e legendagem eletrónica em português | M/12

Antecipando o que Cecil B. DeMille faria no ano seguinte na sua primeira versão de THE TEN COMMANDMENTS, em SODOM UND GOMORRAH Mihály Kertész/Michael Curtiz funde uma história contemporânea e um dos mais célebres episódios da Bíblia: “uma fusão artística entre um drama moderno e o impressionante super-espetáculo da queda de Sodoma e Gomorra”, dizia a publicidade da época. Nesta moderna versão da *lenda de pecado e castigo*, como são subintituladas as duas partes do filme, uma jovem é convencida pela mãe a casar-se com um velho milionário. Um padre, tutor do filho do homem, julga a atmosfera em que ele vive digna de Sodoma e Gomorra, ao passo que um jovem escultor, apaixonado pela mulher, tenta convencê-la a romper o noivado. Ela adormece, sonha com a Sodoma bíblica (pretexto ideal para a realização de cenas monumentais, com impressionantes cenários e vasta figuração) e ao despertar toma a sua decisão. Um grande momento do cinema mudo, a redescobrir.

- ▶ Segunda-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE THIRD DEGREE

O Circo da Morte

de Michael Curtiz

com Dolores Costello, Jason Robards, Louise Dresser

Estados Unidos, 1926 – 85 min / mudo, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Este é o primeiro filme realizado por Curtiz nos Estados Unidos. Trata-se de um melodrama ambientado no meio circense. Uma artista de circo foge com o amante e abandona a filha pequena, que se torna uma célebre trapezista e casa-se com um milionário. Este é injustamente acusado de homicídio, antes da situação se esclarecer. Os cenários circenses permitem a Curtiz realizar algumas sequências espetaculares, como um acidente de moto e um impressionante salto de trampolim. Noutra registo, na sequência em que o milionário é interrogado pela polícia, também consegue efeitos impressionantes. Um bom exemplo da maturidade que atingira o cinema em meados dos anos 20, em primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE STRANGE LOVE OF MOLLY LOUVAIN

de Michael Curtiz

com Ann Dvorak, Lee Tracy, Richard Cromwell

Estados Unidos, 1932 – 70 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A trama narrativa deste filme fez com que um crítico o definisse como um “melodrama policial”, uma fórmula bastante acertada. O ritmo narrativo, seco e preciso e os valores de produção são típicos da Warner Bros. Uma mulher grávida é abandonada pelo rico amante, vai viver com um delinquente e acaba acusada de cumplicidade pelos delitos dele. Mais um exemplo da extraordinária versatilidade de Curtiz. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

YANKEE DOODLE DANDY

Canção Triunfal

de Michael Curtiz

com James Cagney, Joan Leslie, Walter Huston, Richard Whorf

Estados Unidos, 1942 – 123 min / legendado em português | M/12

YANKEE DOODLE DANDY é um “musical patriótico”, que valeu a James Cagney o Oscar de melhor ator. *Biopic* de George M. Cohan, o homem que dominou a Broadway no início do século XX, o filme é narrado em *flashback*, numa noite em que o protagonista é condecorado na Casa Branca pelo presidente Roosevelt. A narrativa segue o percurso típico das biografias filmadas americanas sobre homens que conseguem vencer todas as dificuldades e atingir a glória. Uma das canções de Cohan, *Over There*, tornara-se no hino oficial do exército americano durante a Primeira Guerra Mundial. No desenlace



YANKEE DOODLE DANDY

de YANKEE DOODLE DANDY, ao sair da Casa Branca, Cohan vê soldados que partem para o combate na Segunda Guerra e cantam a mesma canção.

- ▶ Quarta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE HELEN MORGAN STORY

O Pecado de Ter Nascido
de Michael Curtiz
com Ann Blyth, Paul Newman,
Richard Carlson, Gene Evans, Alan King

Estados Unidos, 1957 – 119 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Biopic ou musical biográfico, segundo a fórmula de Pablo Mérida no seu livro sobre Curtiz, THE HELEN MORGAN STORY retrata de modo bastante livre o percurso da *torch singer* Helen Morgan, dona de uma bela voz de contralto e famosa nos anos 20 e 30, de quem conhecemos duas fabulosas criações como atriz de cinema, em duas obras-primas: APPLAUSE (Rouben Mamoulian, 1929) e SHOW BOAT (James Whale, 1936). A cantora foi vítima de alcoolismo e de um comportamento autodestrutivo. A trama narrativa do filme de Curtiz, baseada em factos reais (Helen Morgan parece realmente ter tido ligações com membros da máfia de Chicago) mas muito romanceada, é a da sua relação com um traficante de bebidas, interpretado por Paul Newman.

- ▶ Quarta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FRANCIS OF ASSISI

Francisco de Assis
de Michael Curtiz
com Bradford Dillman, Dolores Hart,
Stuart Whitman, Pedro Armendáriz

Estados Unidos, 1961 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A figura de São Francisco de Assis interessou cineastas tão diferentes quanto Roberto Rossellini, Pier Paolo Pasolini, Liliana Cavani e Franco Zeffirelli, além de Michael Curtiz, naquele que veio a ser o seu penúltimo filme. Esta biografia do “santo dos pobrezinhos” pode ser inserida, de modo indireto, na vaga de *peplums* que surgiu no cinema americano e no italiano nos anos 50, embora São Francisco não tenha vivido na Antiguidade e sim na Idade Média e ter sido a antítese de um guerreiro. Filmado em Scope e a cores (processo DeLuxe), como era obrigatório para este tipo de filmes, FRANCIS OF ASSISI contou com a colaboração de vários membros da Igreja na redação do argumento. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE KENNEL MURDER CASE

“Morte no Canil”
de Michael Curtiz
com William Powell, Mary Astor,
Eugene Pallette, Paul Cavanagh

Estados Unidos, 1933 – 73 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Este filme criminal adapta um romance publicado no mesmo ano, de S. S. Van Dine, célebre por uma série de romances sobre homicídios, todos com as palavras *murder case* no título. O personagem do detetive Philo Vance, que os romances de Van Dine tinham tornado célebre, foi sempre interpretado, nas suas diversas encarnações cinematográficas,

por William Powell. Em THE KENNEL MURDER CASE o detetive investiga o homicídio de um milionário, o que nos leva por uma complexa teia de relações entre os personagens. O filme foi rodado praticamente num único cenário, no qual a câmara se move com impressionante mestria. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MYSTERY OF THE WAX MUSEUM

Máscaras de Cera
de Michael Curtiz
com Lionel Atwill, Fay Wray, Glenda Farrell

Estados Unidos, 1933 – 75 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Filme de terror, em Technicolor num período em que raríssimos filmes eram feitos a cor. Tem a peculiaridade de ter sido o último filme em Technicolor feito com película de duas cores e não de três como viria a ser a regra. O cadáver de uma jovem desaparece da morgue e a polícia acusa aquele que fora seu noivo. Mas uma jornalista de investigação está decidida a provar a inocência do rapaz e acaba por descobrir o estranho museu de cera de um escultor. Pelo facto de insinuar o medo por sugestão mais do que pela sua figuração, o filme é considerado por alguns críticos como predecessor das técnicas narrativas de Val Lewton em filmes como CAT PEOPLE.

- ▶ Sexta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [24] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SEA WOLF

O Lobo do Mar
de Michael Curtiz
com Edward G. Robinson, Ida Lupino, John Garfield, Alexander Knox, Barry Fitzgerald

Estados Unidos, 1941 – 90 min
legendado em português | M/12

Adaptação do clássico de Jack London, THE SEA WOLF contém uma das mais poderosas interpretações de Edward G. Robinson na figura de Wolf Larsen, que comanda uma escuna e se destaca pela brutalidade e arrogância. O barco recolhe dois naufragos, uma foragida da justiça e um escritor e a sua presença irá revelar o que de mais complexo esconde a figura do “lobo do mar”. A brutalidade do capitão transforma o escritor num claro antagonista. A tensão vai num crescendo, até explodir no desenlace, num embate entre o barco de Larsen e aquele que é comandado pelo seu próprio irmão. Um dos mais célebres filmes de Curtiz neste período.

- ▶ Sábado [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE EGYPTIAN

O Egípcio
de Michael Curtiz
com Jean Simmons, Victor Mature,
Gene Tierney, Edmund Purdon

Estados Unidos, 1954 – 139 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Este é um dos muitos *peplums* (filmes de aventuras de eras antigas) produzidos entre meados dos anos 50 e meados dos anos 60, nos quais os protagonistas dos dois sexos costumam ter formas avantajadas. Mas contrariamente ao que era regra neste género, a ação não se passa na Grécia ou no império romano, mas no Egito, durante o reinado de Akhenaton e Nefertiti, quando foi instaurada a primeira religião monoteísta de que se tem registo na História (o faraó seria deposto e o politeísmo restaurado). O protagonista, que como Moisés foi abandonado nas águas de um rio, é um médico que salvou a vida do faraó e se debate entre duas mulheres: uma tenta convencê-lo da existência de um só deus, a outra é uma ardente cortesã. O filme foi realizado com os meios necessários, demonstrando mais uma vez a destreza de Curtiz e a música de Bernard Herrmann tornou-se célebre.



THE HELEN MORGAN STORY

- ▶ Sexta-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MILDRED PIERCE

Alma em Suplício

de Michael Curtiz

com Joan Crawford, Zachary Scott,
Jack Carson, Eve Arden, Ann Blyth

Estados Unidos, 1945 – 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

MILDRED PIERCE é um poderoso melodrama que relançou a carreira de Joan Crawford, então num período de declínio e que muito merecidamente conquistou o Oscar pela sua interpretação (o filme de Curtiz teve ainda mais cinco nomeações, entre elas a de melhor filme). Adaptado de um romance de James M. Cain, MILDRED PIERCE é a história de uma mulher que vê todo o seu percurso de ascensão social posto em causa pela filha, quando esta se transforma em sua rival nos amores. Um tema bastante ousado para Hollywood, mas que foi arquétipo para a maior parte dos trabalhos futuros de Joan Crawford como mulher sofredora. O filme é “um dos pontos culminantes do melodrama dos anos 40 e o argumento é um modelo daqueles tempos”, nas palavras de Peter von Bagh num brilhante ensaio sobre a atriz (publicado pela Cinemateca).

- ▶ Segunda-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE CHARGE OF THE LIGHT BRIGADE

A Carga da Brigada Ligeira

de Michael Curtiz

com Errol Flynn, Olivia de Havilland,
Patrick Knowles, Donald Crisp

Estados Unidos, 1936 – 115 min / legendado em português | M/12

Um dos mais célebres filmes de aventuras coloniais, que reúne o par que o público elegera como favorito no ano anterior em CAPTAIN BLOOD, também de Curtiz: Errol Flynn e Olivia de Havilland. A história é inspirada num episódio da Guerra da Crimeia (1853-56), que ficou célebre no mundo de língua inglesa por ter sido objeto de um poema de Tennyson. A ação começa na Índia, onde a tensão entre os habitantes do país e os colonizadores britânicos é forte. Um emir indiano ataca um forte britânico e os únicos sobreviventes são um par de noivos, cuja mulher confessara ao homem estar apaixonada pelo irmão dele. A sequência que dá título ao filme tornou-se célebre.

- ▶ Terça-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ROMANCE ON THE HIGH SEAS

Romance no Alto Mar

de Michael Curtiz

com Jack Carson, Janis Paige, Doris Day

Estados Unidos, 1948 – 99 min / legendado em português | M/12

Uma comédia musical, baseada em quiproquós, como as *light comedies* dos anos 30 e que, como indica o título, tem lugar em alto mar. Uma mulher desiste de fazer um cruzeiro, para vigiar o marido que julga ser infiel, mas manda uma substituta em seu lugar. O marido, por seu lado, manda um detetive para o cruzeiro, para vigiar a mulher, sem que nem ele nem o detetive saibam da troca. O filme marca a primeira aparição de Doris Day no cinema, na esteira do seu êxito como cantora. Todos os números musicais foram coreografados por Busby Berkeley, “o maior artista americano do século XX”, na opinião de Andy Warhol, em todo o caso o coreógrafo mais original e brilhante de Hollywood, pois trabalhava com efeitos óticos e não de palco. Primeira apresentação na Cinemateca.

REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE I, CONCLUSÃO)

Continuamos a percorrer a paisagem clássica, original e originária, do faroeste, pontuando o primeiro momento de luto dedicado ao *western* com obras-primas tardias e crepusculares de John Ford, a saber: THE SEARCHERS, THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE e CHEYENNE AUTUMN. Para mais, ativam o modo de despedida ao género, relativamente a alguns dos principais condimentos que o tornaram tão popular nos anos precedentes em Hollywood, os filmes série B densamente desencantados, estoicos e de propensão cósmica de Budd Boetticher com Randolph Scott (tanto RIDE LONESOME quanto COMANCHE STATION). Neste particular, destacam-se ainda: MAN OF THE WEST, de Anthony Mann, versando sobre um certo “fim de um mundo”; NO NAME ON THE BULLET, de Jack Arnold, grande *western* paranoico hoje algo esquecido e o gélido DAY OF THE OUTLAW, de André De Toth, o mais “dreyeriano” dos “filmes de cowboys”. Para mais, RIO BRAVO, de Howard Hawks, ou o subestimado GUNMAN’S WALK, de Phil Karlson, participam nitidamente nesta fase amadurecida do género, em que as palavras e os sentimentos doem mais do que as balas e o whiskey caindo em estômago vazio.

Como quem põe o dedo na ferida, adensam-se aqui questões como a representação do “outro” (THE SEARCHERS, claro, mas, acima de tudo, a provocadora obra de Gordon Douglas, RIO CONCHOS, em que soldados renegados a combater pelo Sul se conluiam com os nativos apaches contra os intentos do Norte unionista: afinal, quem é o inimigo?) ou o papel das mulheres (Angie Dickinson em RIO BRAVO e Barbara Stanwyck em FORTY GUNS são rápidas e mortais seguindo a lei da bala ou do coração). Mas talvez todo o *spleen* se possa sintetizar no gesto final de John Wayne em THE SEARCHERS, de homenagem ao falecido Harry Carey, o primeiro *alter ego* de John Ford, no período do mudo, quando o *western* ainda era um género (que se arrogava) inocente.



- ▶ Sábado [01] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SEARCHERS

A Desaparecida

de John Ford

com John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles,
Ward Bond, Natalie Wood

Estados Unidos, 1956 – 120 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das obras-primas de John Ford e o filme que contém todas as chaves do *western*. Também marca a entrada de Ford na última fase da sua obra, aquela em que a serenidade do olhar acompanha a consciência do fim de um tempo que existe apenas na memória, e de que um dos sinais é a evocação de Harry Carey, ator fordiano por excelência, no gesto final de John Wayne, o seu mais puro herdeiro.

- ▶ Sábado [01] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FORTY GUNS

Quarenta Cavaleiros

de Samuel Fuller

com Barbara Stanwyck, Barry Sullivan,
Dean Jagger, John Ericson

Estados Unidos, 1957 – 80 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O *western* em tempo de mudança. O começo é de cortar a respiração e ficou na História. Jamais o CinemaScope foi aplicado desta maneira. Dir-se-ia que foi inventado para Fuller filmar aquela longa cavalgada de Barbara Stanwyck

à frente dos seus 40 cavaleiros, mancha retilínea nas planícies do Oeste. E é o filme que destrói um “conceituado” cliché tacitamente aceite em todas obras do género: o duelo final que opõe Sullivan a John Ericson, com este escudado por Stanwyck.

- ▶ Segunda-feira [03] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RIO CONCHOS

Rio Conchos

de Gordon Douglas

com Richard Boone, Stuart Whitman,
Anthony Franciosa, Edmond O'Brien

Estados Unidos, 1964 – 107 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Western operático, quase “conradiano”, desenrolado no rescaldo da Guerra Civil americana, em que mexicanos, negros e brancos a combater nos dois lados da barricada, bem como os temidos apaches, se cruzam para produzir um retrato sobre um país (ainda) a ferro e fogo. A composição de Edmond O'Brien, como o renegado general sulista consumido pela sua ambição e loucura, é “particularmente impressionante” (Patrick Brion), ator que havia encarnado o “herói paranoico” de THE INVASION OF THE BODY SNATCHERS, e que hoje nos remete para o vindouro coronel Kurtz de Marlon Brando em APOCALYPSE NOW. O experiente Gordon Douglas, em plena forma na encenação de espetaculares sequências de ação, produz um retrato sobre a loucura e a megalomania em tempos decisivos na História da América. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NO NAME ON THE BULLET

Bala Sem Destino

de Jack Arnold

com Audie Murphy, Joan Evans, Charles Drake

Estados Unidos, 1959 – 77 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Numa espécie de resposta, altamente sofisticada, a clássicos do género, tais como THE GUNFIGHTER e HIGH NOON, Jack Arnold assina um *western* paranoico sobre um assassino profissional, John Grant (Audie Murphy), que chega a um “god forsaken place” chamado Lordsburg. Os seus habitantes, aterrorizados, interrogam-se sobre quem é que o temível assassino “vem coletar”. Como escreveu Patrick Brion, na sua *Encyclopédie du Western*, ele é como “um anjo exterminador, símbolo da má consciência de quase todos os habitantes. (...) Trata-se de um dos melhores filmes de Jack Arnold e de um dos grandes papéis de Audie Murphy”. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GUNMAN'S WALK

Assim Marrem os Valentos

de Phil Karlson

com Van Heflin, Tab Hunter, Kathryn Grant

Estados Unidos, 1958 – 97 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos melhores *westerns* psicanalíticos, a lembrar a história de BROKEN LANCE, que já era um *remake* de HOUSE OF STRANGERS, esta obra algo esquecida de Phil Karlson, tradicionalmente mais associado ao género *noir*, é um *tour de force* notável, também graças ao papel portentoso de Van Heflin, na pele de um rancheiro envidado que procura, a todo o custo, juntar os dois filhos que disputam a mesma mulher, destacando-se nesta disputa o psicopata e racista encarnado por Tab Hunter. É um filme de uma violência emocional rara num *western*: “É o melhor papel de Tab Hunter. E é um dos grandes *westerns* dos anos 60”, disse Quentin Tarantino, que escolheu GUNMAN'S WALK como uma das grandes referências para a composição da personagem Rick Dalton (Leonardo DiCaprio) em ONCE UPON A TIME... IN HOLLYWOOD. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [10] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MAN OF THE WEST

O Homem do Oeste

de Anthony Mann

com Gary Cooper, Julie London, Lee J. Cobb, Arthur O'Connell, Jack Lord, John Dehner

Estados Unidos, 1958 – 98 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O último grande *western* de Anthony Mann e, talvez, o mais pessimista dos seus filmes, onde deixa perceber a sensação de fim de um “mundo” e de uma forma de viver. Admirável desempenho de Gary Cooper na figura de

um antigo bandoleiro regenerado e que procura auxiliar uma comunidade (o mesmo tema de BEND OF THE RIVER) acabando por reencontrar-se com o passado e ajustar contas definitivas com ele.

- ▶ Quarta-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [08] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RIO BRAVO

Rio Bravo

de Howard Hawks

com John Wayne, Dean Martin, Ricky Nelson, Angie Dickinson, Walter Brennan

Estados Unidos, 1959 – 141 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais famosos *westerns* de sempre, e a obra-prima de Howard Hawks, que o fez em resposta a HIGH NOON de Zinnemann. Um grupo de homens com uma missão a cumprir é o tema geral dos filmes de aventuras de Hawks, neste caso a de manter a ordem numa pequena cidade, e levar a julgamento um assassino. Mas é também, como todos os filmes do realizador, uma fabulosa variação sobre a “guerra dos sexos”, com um admirável duelo verbal entre Wayne e Angie Dickinson.

- ▶ Quinta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

RIDE LONESOME

O Homem Que Luta Só

de Budd Boetticher

com Randolph Scott, Karen Steele, Pernel Roberts, James Best, Lee Van Cleef, James Coburn

Estados Unidos, 1959 – 73 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Para muitos admiradores de Boetticher, este filme é a sua obra-prima do ciclo “Ranown” (dos *westerns* com Randolph Scott), mais uma variação sobre o homem que persegue os assassinos da sua mulher. Desta vez, Scott tem a seu lado um foragido também interessado na captura do assassino. Um inesperado final, genial na sua secura e despojamento. A estreia no cinema de James Coburn. “Perfeito. Eis o que apetece dizer de um filme como RIDE LONESOME”, escreveu Manuel Cintra Ferreira na respetiva Folha de Sala.

- ▶ Quarta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DAY OF THE OUTLAW

Homens de Gelo

de André De Toth

com Robert Ryan, Burl Ives, Tina Louise, Alan Marshal, Nehemiah Persoff

Estados Unidos, 1959 – 92 min

legendado eletronicamente em português | M/12

DAY OF THE OUTLAW é um magnífico *western*, por onde passam marcas de MAN OF THE WEST, de Anthony Mann, e TRACK OF THE CAT, de William Wellman. A paisagem é também, neste caso, a principal “personagem”, com os campos gelados contaminando e dominando as figuras que nela se deslocam. Um anticlímax notável no final. Talvez seja o melhor filme americano de André De Toth.

- ▶ Sexta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

COMANCHE STATION

Emboscada Fatal

de Budd Boetticher

com Randolph Scott, Nancy Gates, Claude Akins, Skip Homeier

Estados Unidos, 1960 – 73 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme de Boetticher com Randolph Scott, que decorre na mesma paisagem agreste e com um tema semelhante. Mas, desta vez, Scott não procura os assassinos da mulher, dedicando-se a resgatar mulheres brancas capturadas por índios, em memória da sua mulher que sofrera o mesmo destino.

- ▶ Sábado [15] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE

O Homem que Matou Liberty Valance

de John Ford

com James Stewart, John Wayne, Lee Marvin, Vera Miles, Edmond O'Brien, Andy Devine, Woody Strode

Estados Unidos, 1962 – 120 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O verdadeiro fim do *western* clássico, numa celebração da morte do velho Oeste, personificado por Tom Doniphon (John Wayne), que jaz morto e arrefece num caixão de pinho com uma solitária flor de cato em cima. Nunca se vê o corpo, porque a lenda não o tem. Apenas surge na evocação em que Stoddard (James Stewart) recorda o triunfo da civilização na pequena cidade fronteiriça, sobre os desmandos dos quadrilheiros de Liberty Valance, assim tornando “desnecessários” os homens e os mitos como Doniphon. O fim de um género e uma das obras-primas do cinema. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CHEYENNE AUTUMN

O Grande Combate

de John Ford

com Richard Widmark, Carroll Baker, Karl Malden, Sal Mineo, Dolores Del Rio

Estados Unidos, 1964 – 146 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Último *western* de John Ford, realizado no estertor do próprio género, e o seu último filme no espaço de Monument Valley, CHEYENNE AUTUMN assinalou uma mudança importante no modo como o cinema americano mostrava o índio, embora não seja o primeiro *western* a fazê-lo de forma positiva. Filmado em Panavision, é uma obra-prima crepuscular, lenta e grandiosa, um filme sobre a derrota: os cheyennes, expulsos das suas terras, percorrem a pé a imensa distância que os separa da reserva que o governo americano lhes destina. Só lhes resta a dignidade na derrota.



PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL



BONJOUR LA LANGUE

Jean-Claude Biette viu-o como “um primo de Jean Eustache” por volta de 1974, quando delirou com *FEMMES FEMMES*, “filme-farol que, ao contrário de *LA MAMAN ET LA PUTAIN*, não foi reconhecido: tornou-se um clássico secreto”. Era proverbial, a originalidade disruptiva de Paul Vecchiali (1930-2023), um não alinhado que habitou o cinema à sua maneira, com a independência das condições de produção que fabricava e uma intransigente liberdade de abordagem, alimentada na cinefilia, numa reflexão sobre a História de França e questões sociais controversas, a sexualidade, as relações amorosas, a mortalidade da condição humana. Nos sessenta e dois anos e mais de cinquenta títulos da obra filmada (1961-2023), foi-se orientando pela “importância de coreografar o movimento dos corpos” e seguindo o axioma do que definia como uma “ética que é estética (na linha da frase de Godard, o *travelling* é uma questão de moral)”. Insistiu na reinvenção, trabalhou no coração de géneros como o melodrama, o policial ou o fantástico, variando sobre a visão romântica, um olhar clínico, a melomania ou a atenção erótica. Proclamou imbricações do íntimo e do universal, políticas e poéticas. E uma única regra: “Não há regra!”

Fecunda a partir de *LES PETITS DRAMES* (título inédito de 1961, perdido num incêndio), e de *LES RUSES DU DIABLE* (primeira longa-metragem existente, de 1965), trata-se de uma obra que conheceu os píncaros de *FEMMES FEMMES* (1974), tornado pequeno culto; a sensação do “filme pornográfico de autor” com *CHANGE PAS DE MAIN* (1975) ou do implacável *LA MACHINE* (1977), em que refletiu sobre as “máquinas” da justiça e mediática, a pedofilia e a pena de morte; a revisitação histórico-biográfica de *EN HAUT DES MARCHES* (1983); o atrevimento de *ONCE MORE* (1987), um dos primeiros filmes a tratar da devastação da epidemia da sida associada à homossexualidade; o excesso trágico e melodramático de *CORPS À COEUR* (1978) e *ROSA LA ROSE, FILLE PUBLIQUE* (1985); a série de “anti-dogmas” inaugurada com *À VOT’BON COEUR* (2003). A Cinemateca apresentou-a por altura da retrospectiva de 2017 com o Indielisboa, trazendo Paul Vecchiali ao contacto disponível com os espectadores em Lisboa. Na escrita como na realização e na interlocução, ferozmente singular, docemente singular.

Cinéfilo, cineasta, produtor, ator, também crítico, argumentista, distribuidor, autor de obra publicada como romancista, dramaturgo ou ensaísta inclassificável, Paul Vecchiali foi um caso à parte. Como produtor, iniciou-se nos Films du Gion, uma primeira companhia nomeada a partir de Mizoguchi que ficou ligada à estreia de Jean Eustache. Mais tarde, via France 3, envolveu-se na produção de *JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES*, de Chantal Akerman. A grande aventura foi porém a companhia Diagonale, criada com Cécile Clairval em 1977, e formada em “clandestinidade” com uma trupe de cineastas, técnicos e atores que partilhavam equipamento e uma estrutura livre, trocavam de posições, iam circulando entre projetos e histórias, os filmes e a vida num capítulo ímpar da história do cinema francês dos anos 1970 e 80. Foi uma casa de produção e o lugar de uma utopia comunitária onde, além dos seus, Vecchiali produziu filmes de Jean-Claude Biette (*LA MACHINE* e *LE THÉÂTRE DES MATIÈRES* foram o par de arranque), Jean-Claude Guiguet, Marie-Claude Treilhou, Noël Simsolo, Gérard Frot-Coutaz, Claudine Bories. Para que os filmes existissem, sem deles retirar benefícios materialistas.

“A última escola importante do cinema francês pós-Nouvelle Vague”, na formulação de Serge Bozon, foi, para Axelle Ropert, o epicentro de um cinema “feito por cinéfilos, amantes de música, cineastas ‘obscuros’ numa perspetiva social” que partilhavam “um sentido agudo das relações de classes, um gosto pela comoção lírica herdada de Pagnol e Grémillon, um afeto por atores excêntricos e luminosos (Hélène Surgère, Sonia Saviane, Jean-Christophe Bouvet), uma confiança no diálogo infundável, um amor pela canção popular dos anos 1930, uma aversão à fórmula corrente do guião, e uma fé infinita na mise-en-scène, que ‘tudo faz’”. Nos filmes da Diagonale – continua Ropert – “sabe bem conversar, cantar, amar, sofrer, ter casos bizarros, relacionamentos estranhos, secretos, e formar comunidades com regras esquisitas [...]. Digamos que eram dissidentes por necessidade e reservados por natureza: uma vez que o sistema não os queria, trataram de inventar um sistema e um mundo paralelo, mas sem o gritarem aos sete ventos”. Tratava-se de fazer cinema na diagonal.

Esta retrospectiva bifurcada num núcleo final das obras de Paul Vecchiali realizadas na Dialectik e na Diacitrik, e num outro representativo da produção da Diagonale, prolonga a dedicada a Jean-Claude Biette em janeiro, “O teatro das matérias”. O *raccord* inclui quatro títulos de curta-metragem realizados por Biette na passagem dos anos 1960-70, além do segmento que integra o filme coletivo *ARCHIPEL DES AMOURS*. À exceção de *MALADIE*, *LA MACHINE*, *SIMONE BARBÈS OU LA VIRTUE*, *BEAU TEMPS MAIS ORAGEUX EN FIN DE JOURNÉE*, *ARCHIPEL DES AMOURS*, *EN RACHÂCHANT* e *CÉZANNE* (ambos a apresentar em cópias 35 mm, tal como *CAUCHEMAR*) e de *CE QUE CHERCHE JACQUES LA SŒUR DU CADRE* (a apresentar em 16 mm), os filmes são projetados em cópias digitais e primeiras apresentações na Cinemateca.

PAUL VECCHIALI

► Terça-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BONJOUR LA LANGUE

de Paul Vecchiali

com Pascal Cervo, Julien Lucq, Paul Vecchiali

França, 2023 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A última obra produzida e realizada por Paul Vecchiali (estreada em Locarno) passa por um tributo a Jean-Luc Godard, evoca John Ford, integra imagens de *LE CANCRE* (Vecchiali, 2016), encena um reencontro entre um pai e um filho interpretados por Vecchiali e Pascal Cervo (realizador, argumentista e ator especialmente próximo de Vecchiali, mas também de Gaël Morel, Laurent Achard, Pierre Léon ou ainda Jean-Claude Biette e Robert Guédiguian). O filho chama-se Jean-Luc e é sua a decisão de procurar o pai, Charles, certa noite em que desembarca na estação de Deaguignan. *BONJOUR LA LANGUE*, o título de Vecchiali, responde ao título de Godard *ADIEU AU LANGAGE* (2014). “Filme póstumo, sublime, de Paul Vecchiali. É um acerto de contas do cineasta francês com a vida e talvez com a morte. E uma homenagem de Paul ao maior dos seus contemporâneos: Jean-Luc.” (Francisco Ferreira, *Expresso*, 2023)

DIAGONALE

► Quarta-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Sábado [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

SIMONE BARBÈS OU LA VIRTU

de Marie-Claude Treilhou

com Ingrid Bourgoïn, Martine Simonet, Michel Delahaye, Sonia Saviane, Noël Simsolo

França, 1979 – 77 min / legendado eletronicamente em português | M/16

O primeiro filme de Marie-Claude Treilhou, que fora assistente de Paul Vecchiali em *LA MACHINE* e, neste filme, conta com Gérard Frot-Coutaz como assistente, organiza-se em três sequências, que decorrem genericamente em três espaços distintos ao longo de uma noite da vida de Simone Barbès: o átrio do cinema porno em Montparnasse onde Simone trabalha; o bar frequentado por lésbicas onde esta passa depois do trabalho; as ruas de Paris atravessadas pelo automóvel do desconhecido que a leva a casa. A cineasta “procurava trabalhar perto da realidade. Com a mesma inquietação do que no documentário, dar espessura a certos valores, misturar ideias preestabelecidas, fazer sobressair as contradições, dolorosas ou alegres, mostrar a complexidade das coisas.” (Marie-Claude Treilhou)

PAUL VECCHIALI, DIAGONALE

► Quinta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Quarta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

MALADIE

com Paul Vecchiali

França, 1978 – 11 min / legendado eletronicamente em português

LA MACHINE

com Jean-Christophe Bouvet, Sonia Saviane, Hélène Surgère, Gérard Blanc, Liza Braconnier

França, 1977 – 100 min / legendado eletronicamente em português

Filmes de Paul Vecchiali

duração total da sessão: 111 min | M/12

Encenando o tenebroso caso de pedofilia e assassinato de uma criança de oito anos por um homem de trinta que é julgado e condenado à morte (Pierre Lentier, interpretado por Jean-Christophe Bouvet), Vecchiali filma a “máquina da justiça” e a “máquina” mediática, num poderoso e perturbante retrato no qual se propõe uma reflexão sobre a pena de morte mas também sobre o poder triturador e manipulador dos media, ou, nos termos de Vecchiali, a sua “torpeza”. Especialmente polémico por altura da estreia, *LA MACHINE* é um filme rigoroso, que se distancia do seu motivo e no qual, mais do que mostrada, a violência é surda. Em *MALADIE*, que abre a sessão, Vecchiali lê o relato do estado de saúde de um indivíduo, falecido em 1959, que durante anos padecia de uma série de enfermidades que o fizeram sofrer cruelmente. Trata-se do relato da vida do pai do realizador a partir do diário da sua doença.

DIAGONALE

- ▶ Sexta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

LES BELLES MANIÈRES

de Jean-Claude Guiguet
com Hélène Surgère, Emmanuel Lemoine,
Hervé Duhamel, Martine Simonet

França, 1978 – 86 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Assistente de realização de FEMMES FEMMES e CHANGE PAS DE MAINS de Vecchiali, que aqui coassina a montagem com Franck Mathieu, Jean-Claude Guiguet foi colaborador de Jean-Claude Biette em LE THÉÂTRE DES MATIÈRES e LOIN DE MANHATTAN. Esta sua primeira longa-metragem conta a história de um rapaz que é contratado por uma mulher de cinquenta anos para servir as refeições ao filho que vive recluso num quarto. Contemplando questões associáveis a estratégias de poder, a história “não é um *fait-divers* curioso e não procura propor-se como uma fábula exemplar. Respeita a autonomia e a cor particular de cada personagem” (Jean-Claude Guiguet). “Guiguet fez filmes únicos nas suas desmedidas, nos cortes ousados que criam elipses inventivas e instigantes, nos enquadramentos soltos e quase simétricos. [...] cuidado com o enquadramento relaciona-se com a sua admiração pela arte romântica, e pelo classicismo tardio.” (Sérgio Alpendre)

DIAGONALE

- ▶ Segunda-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

BEAU TEMPS MAIS ORAGEUX EN FIN DE JOURNÉE

de Gérard Frot-Coutaz
com Micheline Presle, Claude Piéplu,
Xavier Deluc, Tonie Marshall

França, 1986 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Prematuramente desaparecido aos quarenta anos, vítima de SIDA em 1992, Gérard Frot-Coutaz fez o seu caminho na crítica e na realização, a partir da órbita que gravitava à volta da Diagonale de Vecchiali (que assina uma canção e coassina a montagem com Franck Mathieu). Primeira de duas longas-metragens, BEAU TEMPS MAIS ORAGEUX EN FIN DE JOURNÉE segue a história de um casal de professores aposentados que moram numa casa modesta de um bairro popular de Paris quando são visitados pelo filho e a namorada. “Neste quase *huis clos*, o apartamento apresenta-se como um pequeno teatro da monotonia conjugal, que Frot-Coutaz filma com uma graça e uma sensibilidade infinitas, em planos longos à medida do jogo dos atores (Presle e Piéplu são espantosos).” (Mathieu Macheret, *Le Monde*, 2009)

PAUL VECCHIALI, DIAGONALE

- ▶ Terça-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

ARCHIPEL DES AMOURS

de Jean-Claude Biette, Cécile Clairval,
Jacques Davila, Michel Delahaye, Jacques Fresnais,
Gérard Frot-Coutaz, Jean-Claude Guiguet,
Marie-Claude Treilhou, Paul Vecchiali

França, 1983 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O filme coletivo da Diagonale reúne um arquipélago de nove ilhas, ou segmentos, que flutuam à volta do motivo dos amores – PORNOSCOPIE, ENIGME, REMUE-MÉNAGE, SARA, PASSAGE À L’ACTE, LE GOÛTER DE JOSETTE, LA VISITEUSE, LOURDES, L’HIVER, MASCULINS SINGULIERS são os títulos singulares do projeto tomado na “diagonal” pelos cineastas. Na Cinemateca, passou uma primeira vez no Ciclo Jean-Claude Biette de 1992 e faz agora parte das rimas do programa com a retrospectiva Biette de janeiro.

DIAGONALE

- ▶ Quarta-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quarta-feira [19] 19h00 | Sala Luís de Pina

RUPTURE TANGO

de Jacques Gibert
com Jean-Christophe Bouvet, Aline Vigneau

França, 1980 – 7 min / legendado eletronicamente em português

LA FILLE DU MAGICIEN

de Claudine Bories
com Anouk Grinberg, Patrick Raynal,
Jean-Paul Roussillon, Hélène Surgère,
Jean-Pierre Sentier, Myriam Mézières

França, 1989 – 90 min / legendado eletronicamente em português
duração total da sessão: 97 min | M/12

A filmografia de curta-metragem da companhia Diagonale entre as décadas de 1970 e 90 reúne, a Jacques Gibert, os nomes de Noël Simsolo, Paul Vecchiali, Cécile Clairval, Gérard Frot-Coutaz, Straub e Huillet, Noël Alpi, Pierre Chousterman. RUPTURE TANGO é um desses títulos raros. Claudine Bories começou como atriz de teatro e fundou uma das primeiras salas de arte e ensaio nos subúrbios parisienses, Le Studio d’Aubrevilliers, em 1975. Foi nessa época que se iniciou na realização jogando nos registos do cinema documental e de ficção. LA FILLE DU MAGICIEN é produzido pela Diagonale nos anos em que Bories esteve próxima desse coletivo. A história é a de uma rapariga de vinte anos, filha de mãe britânica e pai mágico de profissão, que tem uma paixão pela música, sonha com o *rock* e vive um verão de amor com Bruno, um aviador que rouba joias.

DIAGONALE

- ▶ Quinta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

CAUCHEMAR

de Noël Simsolo
com Hélène Surgère, Béatrice Bruno,
Pierre Clémenti, André Thorent

França, 1989 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É um dos filmes e a única longa-metragem “de fundo” de Noël Simsolo, mais conhecido como historiador de cinema, também escritor, pintor, produtor de rádio ou argumentista de Paul Vecchiali e Marco Ferreri e ator de Vecchiali, Biette, Chabrol, Téchiné, Skorecki ou Godard. O enredo concentra-se num bar onde uma mulher jovem e misteriosa substitui a pianista habitual, impressionando o público com o talento digno de uma intérprete famosa, desaparecida em estranhas circunstâncias. Na Diagonale, a produção de CAUCHEMAR teve atrito. “Não renego nada a experiência de CAUCHEMAR. Tive grandes problemas com Vecchiali, que era meu produtor e não tinha dinheiro. Mas havia pessoas maravilhosas [...] e graças a elas [Pierre Clémenti, Antoine Bonfanti, Ramón F. Suarez] é exatamente o filme que quis fazer no contexto em que o fiz.” (Noël Simsolo)

JEAN-CLAUDE BIETTE – O TEATRO DAS MATÉRIAS

- ▶ Sexta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

ECCO HO LETTO

com Giuseppe Saltini, Isabel Ruth, Ninetto Davoli
Itália, 1966 – 14 min / legendado eletronicamente em português

LA PARTENZA

com Giuseppe Bertolucci, Gianluigi Calderone
Itália, 1968 – 12 min / legendado eletronicamente em português

CE QUE CHERCHE JACQUES

com Howard Vernon, Michèle Moretti
França, 1970 – 15 min / legendado eletronicamente em português

LA SŒUR DU CADRE

com Michèle Moretti, Benoît Jacquot, Aline Issermann,
Douglas Earle, Jean-Marc Krempff, Jean-Marc Raynal
de Jean-Claude Biette

França, 1972 – 17 min / legendado eletronicamente em português
duração total da sessão: 58 min | M/12

Uma sessão para quatro raridades: quatro curtas-metragens de Jean-Claude Biette, realizadas em Itália e França antes da longa LE THÉÂTRE DES MATIÈRES, produzida pela Diagonale. Um rapaz recém-saído da universidade aborrece-se: é a descrição de ECOO HO LETTO, escrito por Biette e cuja realização os créditos outorgam a Adriano Aprà, que, negando tal facto em 2018, o atribuiu “inteiramente a Jean-Claude”. É o primeiro dos filmes subsistentes de Biette e um filme inicial da atriz portuguesa Isabel Ruth. Também uma ficção, a somar a dois títulos documentais hoje dados como perdidos (ATTILIO BERTOLUCCI e SANDRO PENNA), LA PARTENZA, “a partida”, integra o rol das primeiras experiências na realização de Biette nos quatro anos de exílio italiano, pós-fuga ao serviço militar obrigatório em França, de onde sai sem aviso no outono de 1965 e onde

regressa em 1969. CE QUE CHERCHE JACQUES propõe uma aventura moral à volta da amizade e da pressão dos preconceitos. LA SŒUR DU CADRE é uma história de irmãos, de emprego, de desempregados.

PAUL VECCHIALI

- ▶ Segunda-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UN SOUPÇON D’AMOUR

de Paul Vecchiali
com Marianne Basler, Fabienne Babe,
Jean-Philippe Puymartin, Ferdinand Leclère

França, 2020 – 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Dedicado à atriz Sonia Saviane, irmã de Vecchiali e a imagem da mulher vecchialiana, UN SOUPÇON D’AMOUR (apresentado no LEFFEST 2020) segue a história de uma atriz e mãe que deixa de querer representar a Andrómaca e sonha com a comédia *vaudeville*, trocar Racine por Feydeau. “Fiel ao seu cinema artesanal, entre teatro de câmara e ciência do despojamento, Paul Vecchiali filma o esplêndido retrato de uma atriz que tenta escapar aos tormentos da sua vida. [...] É um desses filmes organizados e construídos do ponto de vista de um delírio difícil de identificar *a priori*, devaneio obscuro: o delírio de uma mulher e, o que é mais raro, de uma criança. Filmes que, à falta de melhor expressão, dizemos assombrados, tal como, citando ao acaso, os tão diversos THE GHOST AND MRS. MUIR, REBECCA, THE SIXTH SENSE, STARMAN, JE RENTRE À LA MAISON ou THE NIGHT OF THE HUNTER.” (Camille Nevers, *Libération*)

DIAGONALE

- ▶ Terça-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

EN RACHÂCHANT

com Olivier Straub, Nadette Thinus, Bernard Thinus,
Raymond Gérard

França, 1982 – 7 min
legendado em francês e eletronicamente em português

CÉZANNE, DIALOGUE AVEC JOACHIM GASQUET (LES ÉDITIONS BERNHEIM-JEUNE)

França, 1989 – 51 min / legendado eletronicamente em português
Filmes de Jean-Marie Straub, Danièle Huillet
duração total da sessão: 58 min | M/12

EN RACHÂCHANT é breve e hilariante, uma parábola à volta de um miúdo que resiste ao que lhe querem ensinar na escola (“coisas que eu não sei”) com base no texto de Marguerite Duras, *Ah Ernesto!* (1971). CÉZANNE é um dos filmes mais intensamente belos de Straub e Huillet. Sobre quadros de Cézanne, sempre filmados na totalidade da sua superfície, com a moldura, numa parede, ouvimos em *off* a leitura de trechos dos diálogos de Cézanne (ditos por Huillet) e Joachim Gasquet (ditos por Straub), intercalados com cenas de MADAME BOVARY, de Renoir, e de DAS TOD DES EMPEDOKLES, dos próprios Straub-Huillet. Quinze anos depois, os cineastas seguiam um princípio semelhante para filmar UNE VISITE AU LOUVRE. EN RACHÂCHANT é uma produção Straub-Huillet, Diagonale e INA, CÉZANNE (um filme recusado pelo financiador Musée d’Orsay) é uma produção Musée d’Orsay, SEPT, Diagonale, Straub-Huillet.

PAUL VECCHIALI, DIAGONALE

- ▶ Quinta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

WONDER BOY – DE SUEUR ET DE SANG

de Paul Vecchiali
com Fabienne Babe, Kader Boukhanef,
Jonathan Kinsler, Jacques Martial

França, 1993 – 117 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Escrito e realizado a partir de um romance de Frédéric Leroy, WONDER BOY – DE SUEUR ET DE SANG constrói-se à volta da personagem de um jovem pugilista filho de pugilista que não se interessa especialmente pelo boxe e deseja estudar violino, a quem o pai, temendo pela sua virilidade, contrata uma prostituta. É o princípio de uma história de polícias e ladrões, amor, enganos, sangue e suor. “A paixão que une o jovem pugilista e a bela prostituta obedece às leis intangíveis do romanesco sentimental, os protagonistas secundários compõem uma galeria de arquétipos que, juntos, formam um jogo complicado de máscaras, de distância humorística e violentamente crítica.” (*Le Monde*, 1994)

PAUL VECCHIALI

▶ Terça-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PAS... DE QUARTIER

de Paul Vecchiali

com Mona Heftre, Ugo Broussot, Franck Libert

França, 2022 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Há quem lhe chame melodrama político ou concentrado de arte cinematográfica e cinéfila. Vecchiali chamou-lhe *músico-drama*. É um filme de ambiente festivo e música escrita por Roland Vincent, companheiro de longo curso do realizador. Na sua génese esteve a motivação de oferecer um grande papel a Ugo Broussot, “um ator simultaneamente sólido e frágil” (que o realizador já dirigira em *TRAINS DE VIES* e *LES SEPT DESERTEURS DE LA GUERRE EN VRAC*). Com acompanhamento, em direto e em *playback*, à capela, em monólogos e diálogos ou no *off* que apresenta as personagens à imagem do cinema mudo, a canção está no fulcro do filme, também centrado num cabaret e num travesti. “Procuraremos criar uma espécie de modelo inédito de ‘melodrama’ à francesa [...] evitando a caricatura ou o julgamento moral precipitado sobre as personagens: cada uma terá as suas razões de pensamento e ação que o filme nunca procurará castigar.” (Paul Vecchiali)

PAUL VECCHIALI

▶ Quarta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES SEPT DESERTEURS DE LA GUERRE EN VRAC

de Paul Vecchiali

com Marianne Basler, Astrid Adverbe, Simone Tassimot, Jean-Philippe Puymartin, Ugo Broussot, Bruno Davézé, Pascal Cervo

França, 2017 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Quatro homens e três mulheres encontram-se numa clareira após terem desertado de uma zona de guerra, que continuam a escutar, e sobrevivem visitando casas abandonadas na proximidade do sexo e da morte. A frase anterior é uma hipótese de sinopse de *LES SEPT DESERTEURS DE LA GUERRE EN VRAC*, que forma uma espécie de díptico com *TRAINS DE VIES OU LES VOYAGES D'ANGÉLIQUE* (ambos apresentados no Indielisboa 2018), rodado em sequência, com os mesmos atores e seguindo “uma solidariedade de forma e de princípio” em que “a escuta é primordial, para melhor sugerir o tumulto de um mundo exterior cuja violência cada personagem sente na carne”. (Mathieu Macheret, *Le Monde*).

PAUL VECCHIALI

▶ Quinta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TRAINS DE VIES OU LES VOYAGES D'ANGÉLIQUE

de Paul Vecchiali

com Astrid Adverbe, Paul Vecchiali, Marianne Basler, Ugo Broussot

França, 2018 – 76 min / legendado eletronicamente em português | M/14

É um filme a bordo de compartimentos de comboio, com viagens e vidas como imagens do trajeto de Angélique, a personagem de ex-primeira bailarina interpretada por Astrid Adverbe, que se perfila, na filmografia de Vecchiali, com as atrizes do coração Danielle Darrieux, Sonia Saviane, Hélène Surgère ou Marianne Basler. O caso desta Angélique leva-a a interrogar-se sobre a sua sexualidade, debatendo o assunto com as pessoas que encontra sentadas ao seu lado, e torna confidentes, em diferentes momentos de travessia ferroviária. Organizado em capítulos, elíptico, construído com planos geralmente fixos, *TRAINS DE VIES OU LES VOYAGES D'ANGÉLIQUE* “atua na memória como um sonho, que se transforma e se apaga à medida que sonhamos” (*Libération*).

IMAGENS DE JAVIER CODESAL

“Ocupo-me de um campo que vai da imagem à palavra e vice-versa. Imagem e palavra contam a impotência uma da outra. Fora desse par, o mundo seria contado por elas, palavra e imagem, que nomeiam o mundo como impotência. E volta a começar. A minha atitude é olhar. Dirijo-me ao mais próximo e concreto.” A declaração dá as boas-vindas aos recém-chegados à página eletrónica de Javier Codesal, cujo consolidado trabalho poético e artístico se distingue pela versatilidade, a multiplicidade de domínios em que se incluem a poesia, a fotografia, o cinema, o vídeo ou a instalação. Nascido em Sabiñánigo (Huesca), em 1958, Javier Codesal é considerado um pioneiro da videoarte no seu país ou, nas palavras do crítico de cinema Manuel Asín (“Demolición de un muro”), “precursor num modo de entender a sua atividade desde finais dos anos 1980, num terreno a meio-caminho entre as artes visuais e o cinema que nesse momento não era comum, nem mesmo internacionalmente”.

Javier Codesal vai estar na Cinemateca para apresentar três dos seus filmes e para uma conversa com Pedro Costa, a partir do seu livro *Canción de Pedro Costa* (2022). Nessa ocasião, será projetado *AS FILHAS DO FOGO*, de Pedro Costa. Todos os filmes programados são primeiras apresentações na Cinemateca.

▶ Sexta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BOCAMINA

de Javier Codesal

Espanha, 1999 – 21 min / legendado eletronicamente em português

CALAVERA RESUMIDA

de Javier Codesal

Espanha, 2020 – 63 min / legendado eletronicamente em português
duração total da sessão: 84 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JAVIER CODESAL

BOCAMINA é um dos filmes de Javier Codesal para projeção em sala – filmado em 35 mm, como o anterior *O MILAGRE DA CARNE* (1994) – e “investiga os vestígios da atividade nas minas e do canto mineiro na região de La Unión. As ruínas das minas e as vozes populares dos trovadores e cantadores tomam o pulso a algo de permanente, que não abandona o homem contemporâneo apesar da sua condição urbana.” Com desenhos e comentários do artista Pedro Morales Elípe, *CALAVERA RESUMIDA* pode ser descrito como um ensaio filmado sobre a pintura assente no desenho e na palavra: visitante regular do Museu do Prado, em Madrid, desde 1995, Morales Elípe é autor da coleção de cadernos de desenho num diálogo que mantém com a pintura de grandes mestres e a sua própria produção artística. É o seu discurso e estes cadernos que Javier Codesal filma no título de 2020.

▶ Sábado [22] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

AS FILHAS DO FOGO

de Pedro Costa

com Elizabeth Pinard, Alice Costa, Karyna Gomes

Portugal, 2023 – 8 min / legendado em português | M/12

JAVIER CODESAL CONVERSA COM PEDRO COSTA

sessão de entrada livre mediante levantamento de ingresso na bilheteira no próprio dia.

Em 2022, Javier Codesal comissariou a exposição *Canción de Pedro Costa*, que teve lugar em Barcelona (La Virreina Centre de la Imatge, 2022–2023) e publicou um livro com o mesmo título, escrito em verso. *Canción de Pedro Costa*, a edição, é apresentada pelo autor como um livro que propõe uma leitura orgânica da obra do cineasta português, sinalizando as suas reverberações entre *O SANGUE* e *VITALINA VARELA*, e refletindo sobre a voz e o canto em trabalhos recentes. A conversa entre Javier Codesal e Pedro Costa em Lisboa, conta com a participação de José Manuel Costa, e parte do livro e da projeção de *AS FILHAS DO FOGO*, o mais recente filme de Pedro Costa: “Três jovens irmãs são separadas pela erupção do Fogo. Mas elas cantam. Um dia, saberemos porque vivemos e porque sofremos.” A seguir à conversa, Pedro Costa e Javier Codesal vão estar no espaço da livraria Linha de Sombra disponíveis para autografar exemplares do livro.

▶ Sábado [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EVANGELIO MAYOR

de Javier Codesal

Espanha, 2021 – 138 min / legendado eletronicamente em português | M/14

COM A PRESENÇA DE JAVIER CODESAL

Realizado entre 2018 e 2021, e em boa parte filmado numa residência sénior pioneira para pessoas LGBTQ+ (a residência pública Josete Massa, em Madrid), *EVANGELIO MAYOR* é um caso exemplar do trabalho artístico transversal de Javier Codesal. Essencialmente associado a uma série fotográfica (*Evangelio Mayor*), uma peça mural e um texto (intitulados *Ensayo*), é referido ainda pelo vínculo que mantém com os anteriores *EVANGELIO EN GRANADA (META)* e *TESTIMONIO DE FREDERMAN*. Lê-se no texto disponível na página eletrónica de Codesal: “Como é habitual em muitas das suas obras, o artista centra-se numa representação não canónica dos corpos (aqui, etária) e num tratamento renovado de algumas tradições sociais e culturais (agora, o Evangelho). *EVANGELIO MAYOR* trata do envelhecimento no contexto das pessoas LGBTQ+. O envelhecimento e os fenómenos que o acompanham tendem a permanecer na sombra das representações visuais, que preferem modelos jovens e saudáveis.”



HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN CARPENTER/JEAN-BAPTISTE THORET



CHRISTINE



HALLOWEEN



THE THING



THEY LIVE

▶ Segunda-feira [24] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ASSAULT ON PRECINCT 13

Assalto à 13ª Esquadra

de John Carpenter

com Austin Stoker, Darwin Joston,
Laurie Zimmer, Martin West

Estados Unidos, 1976 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/16

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR JEAN-BAPTISTE THORET

Uma das variações sobre o tema de RIO BRAVO, “filme-fetice” de John Carpenter. Um carro de polícia, transportando vários presos para uma esquadra que vai ser desafetada, e está, por isso, praticamente incomunicável. É essa a 13ª Esquadra que, em seguida, é atacada por um bando de marginais à procura de vingança pela morte de um dos seus. O sucesso crítico e comercial significou a “revelação” de John Carpenter.

Crítico, historiador, curador e cineasta, Jean-Baptiste Thoret é um dos mais multifacetados, prolíficos e respeitados divulgadores, historiadores e pensadores do cinema da sua geração (o seu estudo sobre Michael Mann, *Michael Mann: Mirages du Contemporain*, foi um dos livros de ensaio sobre cinema mais bem recebidos nos últimos anos, tendo suscitado no mercado americano uma edição da responsabilidade da editora White Lion Publishing). Além da sua brilhante irrequietude, é-lhe característico um vasto conhecimento enciclopédico relativamente ao cinema mais popular e de culto dos anos 70 do século passado até à atualidade. Começou a pensar sobre as obras de alguns dos seus realizadores de eleição ao chegar à fala com alguns deles na qualidade de jornalista e crítico para publicações várias, tais como os *Cahiers du cinéma*, a *GQ* e um blogue do site do *Le Nouvel Observateur*, além de ter feito televisão e rádio em programas de promoção da cultura cinéfila.

Amante de *westerns* e de cinema de terror, mas que não enjeita, antes pelo contrário, as “corruptelas” italianas (realizou um filme com e sobre Dario Argento, *DARIO ARGENTO: SOUPIRS DANS UN CORRIDOR LOINTAIN*, e escreveu um livro sobre Sergio Leone, editado pelos *Cahiers du cinéma* com o *Le Monde*), a principal paixão de Thoret é, dentro da boa tradição crítica e académica francesa, o cinema americano, em particular o da Nova Hollywood (escreveu livros sobre o período, destacando-se *Le cinéma américain des années 70*, editado pelos *Cahiers du cinéma*, e ainda realizou um significativo filme intitulado *WE BLEW IT* em que procura estabelecer pontes entre o estado da América hoje e essa época extremamente criativa e desperta do cinema americano). É um grande conhecedor/ruminador e confesso admirador da paisagem americana e de cineastas tidos como menores pelo cânone oficial, mas que tão bem a corporizam ou põem em xeque, tais como Michael Cimino (a ele, e a uma certa América “perdida”, é dedicado um dos seus filmes, *MICHAEL CIMINO, UN MIRAGE AMÉRICAIN*), Peter Bogdanovich, Tobe Hooper, George A. Romero e, ocupando um lugar muito especial no seu *corpus* crítico, John Carpenter. Nem de propósito, a primeira obra da sua já vasta bibliografia foi *Mythes et Masques: Les fantômes de John Carpenter*, redigido com Luc Lagier, livro de referência saído em 1998 pela mão da editora Dreamland – o primeiro estudo a ser publicado em França sobre “um dos cineastas mais inventivos e originais dos últimos vinte anos”. Neste ano de 2025, Thoret “voltou a casa”, a um dos “totens da sua juventude”, e mergulhando de novo na obra de “Big John”, lançou no mês destas Histórias do Cinema um novo livro intitulado *Back to the Bone: John Carpenter 2025*, com a chancela Magnani Éditeur, que se propõe responder a uma série de questões: “Como é rever, em 2025, os filmes de um cineasta que amámos tanto? Será que encontramos algo diferente do que já tínhamos visto? E se os próprios filmes tiverem mudado à medida que o nosso olhar sobre eles evoluiu?” As ligações e afinidades são várias, mas importa ainda assinalar que Thoret partilha com John Carpenter uma outra paixão, a música, estando creditado como compositor em quase uma dezena de filmes (e não somente aqueles que assina enquanto realizador).

No âmbito de uma imprescindível coleção *home cinema* da Studio Canal de que é curador chamada “Make My Day”, Thoret lançou, no final do ano passado, uma edição DVD que importa destacar aqui. Desse *pack* constam *BUFFALO BILL AND THE INDIANS OR SITTING BULL’S HISTORY LESSON*, *western* maldito de Robert Altman e protagonizado por Paul Newman, sobre o algo inclassificável *showman* do faroeste Buffalo Bill, e ainda uma preciosa curta-metragem como extra: *THE RESURRECTION OF BRONCHO BILLY*, filme de James R. Rokos com montagem e música de Carpenter, além de argumento de sua coautoria. De acordo com Thoret, muita coisa está contida, em semente, neste pequeno filme estudantil, feito com apoio da University of Southern California, e sobre uma personagem com uma obsessão quase maníaca pelo imaginário do *western*. No mínimo, *THE RESURRECTION OF BRONCHO BILLY* assinala, de maneira evidente, a importância dos clássicos na obra desse grande “master of horror” da Nova Hollywood.

O realizador de *ASSAULT ON PRECINCT 13* e *HALLOWEEN*, que já mereceu uma retrospectiva na Cinemateca, acompanhada por um catálogo, no ano de 2008, intitulado *John Carpenter – Memórias de um Homem Bem Visível*, toma agora de assalto umas Histórias do Cinema com a assinatura de um cinéfilo e teórico estrepitosamente “carpenteriano”.

Sessões-conferência | As intervenções de Jean-Baptiste Thoret serão feitas em inglês sem tradução simultânea

▶ Terça-feira [25] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HALLOWEEN

O Regresso do Mal

de John Carpenter

com Jamie Lee Curtis, Donald Pleasence, Nancy Loomis

Estados Unidos, 1978 – 89 min / legendado em português | M/16

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR JEAN-BAPTISTE THORET

É um dos mais lendários títulos de John Carpenter: *HALLOWEEN* não foi apenas um gigantesco sucesso crítico e comercial, foi também uma obra que diretamente influenciou quase todo o “cinema de terror” que se fez depois, sendo explícita ou implicitamente citada em incontáveis *horror movies* das últimas décadas. Carpenter, que confesadamente colhe em *RIO BRAVO* (de Hawks) a inspiração fundamental para o seu anterior filme, *ASSAULT ON PRECINCT 13*, partiu aqui da memória do *PSYCHO* de Hitchcock. E de facto, *HALLOWEEN* é um dos raros grandes “filmes do medo” que se fizeram depois de Hitch. Perguntaram a Carpenter se era um filme de terror “teórico”; e Carpenter respondeu: “sim, completamente”.

▶ Quarta-feira [26] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE THING

Veio do Outro Mundo

de John Carpenter

com Kurt Russell, A. Wilford Brimley, Richard Dysart,
Richard Masur, Donald Moffat

Estados Unidos, 1982 – 108 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR JEAN-BAPTISTE THORET

Nova versão do filme de Hawks-Nyby, *THE THING FROM ANOTHER WORLD*, para o qual John Carpenter trouxe a panóplia da tecnologia moderna para os sofisticados efeitos especiais, o “nec plus ultra” do género até então. A versão de Carpenter é mais fiel à história original *Who Goes There*, de John W. Campbell, sobre o combate de um grupo de cientistas contra um extraterrestre mutante numa estação polar.

► Quinta-feira [27] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CHRISTINE

Christine, o Carro Assassino

de John Carpenter

com Keith Gordon, John Stockwell, Alexandra Paul, Robert Prosky, Harry Dean Stanton

Estados Unidos, 1983 – 111 min

legendado eletronicamente em português | M/16

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR JEAN-BAPTISTE THORET

Carpenter adaptou um *best-seller* de Stephen King sobre um carro (um Plymouth de 1958) que um adolescente recupera do ferro-velho e restaura, tratando-o com a atenção dada a uma namorada, e sendo retribuído! Quando as raparigas começam a interessar-se pelo jovem proprietário, o carro persegue-as e mata-as.

► Sexta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STARMAN

O Homem das Estrelas

de John Carpenter

com Jeff Bridges, Karen Allen,

Charles Martin Smith, Richard Jaeckel

Estados Unidos, 1984 – 115 min / legendado em português | M/12

Um belíssimo filme de ficção científica, em que um *alien* chega à terra e “produz” um corpo humano a partir do ADN de um cabelo. O corpo é o do marido morto de uma jovem que o não esquece e que vai ajudar o extraterrestre, numa travessia pelos Estados Unidos, em busca do local onde se encontra a sua nave.

► Sexta-feira [28] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE RESURRECTION OF BRONCHO BILLY

de James R. Rokos

com Johnny Crawford, Kristin Harmon, Ruth Hussey

Estados Unidos, 1970 – 21 min

legendado eletronicamente em português

THEY LIVE

Eles Vivem

de John Carpenter

com Roddy Piper, Keuth David,

Meg Foster, George “Buck” Flower

Estados Unidos, 1988 – 94 min / legendado em português

duração total da sessão: 115 min | M/12

SESSÃO-CONFERÊNCIA POR JEAN-BAPTISTE THORET

Uma absoluta raridade, que podemos situar na carreira de Carpenter entre a deliciosa obra de estreia, CAPTAIN

VOYEUR, e a delirante *space opera* DARK STAR, a curta-metragem THE RESURRECTION OF BRONCHO BILLY tem argumento da coautoria de “Big John” (responsável também pela montagem e pela música), na companhia de um futuro colaborador habitual, Nick Castle (aqui também na qualidade de diretor de fotografia), quando ambos eram ainda perfeitos desconhecidos, e é realizado pelo colega James R. Rokos. Trata-se da história contemporânea de um rapaz que sonha acordado com os *westerns* que “consome” obsessivamente, tornando-o “desfasado da vida”. É um “filme-manifesto”, consagrado com o Oscar de Melhor Curta-Metragem de Ação e realizado em homenagem ao *western*, género favorito de Carpenter, que renuncia muito do que viria a seguir na sua obra. Em THEY LIVE, um homem chega a Los Angeles para descobrir que a sociedade de consumo está a ser dominada por mensagens subliminares ditadas por *aliens* disfarçados de humanos. O “real” só se torna visível através de óculos escuros especiais, objeto que permite ao protagonista ver menos para ver mais além. “Stay asleep”, “no imagination”, “submit to authority” são algumas das palavras de ordem para subjugar os humanos. Segundo Luís Miguel Oliveira, “este é, com muito poucos concorrentes à altura, o grande filme político do cinema americano dos anos oitenta”.

DE CALDEVILLA AO CINEMA NOVO: TRÊS ESTRATÉGIAS DO CINEMA PUBLICITÁRIO EM PORTUGAL

Este pequeno Ciclo sobre o cinema português com finalidades publicitárias apresenta em três sessões três diferentes estratégias de utilização da publicidade na produção do cinema nacional, desde 1914 ao Cinema Novo, mas centrando-se sobretudo na pioneira experiência de Raul de Caldevilla (a quem a Cinemateca tinha já dedicado um Ciclo em 2019 que incluía vários títulos da sua produção publicitária). Programado em colaboração com os investigadores Eduardo Cintra Torres, Hugo Barreira e Pedro Almeida Leitão (também autores do texto que se segue e das notas individuais sobre as sessões) espera-se que o Ciclo contribua para a descoberta junto de um público mais alargado de um tipo de produção do nosso cinema ainda relativamente desconhecida.

“A estratégia de cinema especificamente publicitário, arrancando em França e nos EUA nos primórdios do cinema, tem início em Portugal com VINDIMAS DA CASA ANDRESEN, da Invicta Film (1914), produtora que seguiu o modelo de realizar filmes de propaganda que alavancassem a produção de filmes de ficção. Do cinema de publicidade de produtos, a primeira sessão do Ciclo apresenta ainda filmes de Raul de Caldevilla, incluindo ESCALADA À TORRE DOS CLÉRIGOS (1917), uma das versões da primeira campanha multimedia conhecida, e, de outros autores, o pequeno filme dos EXTINTORES TOTAL e dois projectos mais ambiciosos: VIA ÁUREA (1931), filme de total integração entre a publicidade e a narrativa ficcional, e SORTE GRANDE (1938), cujo fio narrativo liga um conjunto de publicidades a variados produtos e serviços. A estratégia inovadora de Caldevilla foi a de criar uma empresa multimedia (cinema, litografia, agência de publicidade), em que, no que ao cinema dizia respeito, a produção de filmes publicitários ou de propaganda permitisse financiar a construção de um estúdio moderno e a realização de filmes ficcionais de longa-metragem, como AS PUPILAS DO SENHOR REITOR (1923), filme a exhibir com um comentário baseado em anotações de Caldevilla, à margem do seu exemplar do romance, notas até agora desconhecidas. A partir do final dos anos 50 a televisão toma o lugar do cinema como *medium* preferencial para a produção na nova e triunfal sociedade de consumo. A publicidade cinematográfica e a televisiva convivem e amiúde coincidem. Para o seu financiamento, entretanto, o Cinema Novo — dominando a terceira sessão — opta pela estratégia de enxerto de publicidade na narrativa (conhecida em inglês como *product placement*), enquanto recorre em paralelo à antiga estratégia de produção de filmes exclusivamente publicitários, de duração aproximada a dez minutos, distinguindo-se pela sua concretização numa nova linguagem, individual, sem referências anteriores ou simultâneas, o cinema de autor, de que são expoentes AS PALAVRAS E OS FIOS (1962) e VERMELHO, AMARELO E VERDE (1966), ambos de Fernando Lopes.” (Eduardo Cintra Torres)

► Quinta-feira [06] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

Sessão “A publicidade possível, do mudo ao sonoro”

VINDIMAS DA CASA ANDRESEN

produção Invicta Film

Portugal, 1914 – 13 min / mudo

UM CHÁ NAS NUVENS / ESCALADA À TORRE DOS CLÉRIGOS

de Raul de Caldevilla

Portugal, 1917 – 10 min / mudo

MELGAÇO

produção Caldevilla Film

Portugal, 1921 – 6 min / mudo

VIDAGO

produção Caldevilla Film

Portugal, 1921 – 4 min / mudo

SERRA DA ESTRELA

Caldevilla Film

Portugal, 1921 – 18 min / mudo

EXTINTORES TOTAL

de Mello, C. Branco

Portugal, 1929 – 6 min / mudo

VIA ÁUREA

produção da CUF

Portugal, 1931 – 10 min

SORTE GRANDE

de Erico Braga

Portugal, 1938 – 14 min

duração total da sessão: 81 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE DEBATE COM EDUARDO CINTRA TORRES, HUGO BARREIRA E PEDRO ALMEIDA LEITÃO

“A publicidade está presente no cinema desde os seus primórdios. Em Portugal, o primeiro filme que sobrevive, VINDIMAS DA CASA ANDRESEN (1914), inscreve-se num modelo possível de curta-metragem com um carácter simultaneamente documental e informativo. O mesmo sucede com filmes de promoção de estações termais produzidos pela Caldevilla Film em 1921. Antes, porém, a agência de publicidade de Raul de Caldevilla produziu o primeiro filme conhecido fazendo parte de uma campanha multimedia e centrada num evento espectacular, a Escalada à Torre dos Clérigos (1917), que originou dois filmes, sendo exibido o primeiro, o único que sobrevive. A sessão inclui uma curta-metragem de promoção concreta de um produto, os extintores Total (1929), e dois filmes noutra modelo: a inscrição da publicidade a adubos CUF numa narrativa estruturada, interpretada por Vasco Santana (VIA ÁUREA, 1931), e a construção de uma narrativa que pudesse incluir a publicidade aos mais variados produtos num filme já sonoro, SORTE GRANDE, de 1938.” (Eduardo Cintra Torres).

► Sexta-feira [07] 18h30 | Sala Luís de Pina

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

de Maurice Mariaud

com Maria de Oliveira, Maria Helena, Arthur Duarte,

Vasco de Gondomar, Eduardo Brazão

Portugal, 1923 – 141 min / mudo, com intertítulos em português | M/12

SESSÃO COM COMENTÁRIO

“A relação entre cinema e publicidade desenhou-se também no plano empresarial. Depois do estrondoso sucesso da campanha Invicta, com as suas escaladas filmadas em 1917 e 1918, Raul de Caldevilla gizou um modelo empresarial assente em sinergias potenciadas por três negócios que ele via como complementares: a publicidade, as artes gráficas e o cinema. As duas primeiras secções de negócio acabariam por financiar a curta atividade da Caldevilla Film, entre 1920 e 1923. A principal intenção do seu fundador era a de dar a conhecer as maravilhas de Portugal aos públicos estrangeiros, aumentando o interesse pelo país — e, em consequência, pelos produtos nacionais. Com esse propósito, planeou oito adaptações de romances de grandes autores portugueses. AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, rodada ao longo de 1922, foi a única a ser concretizada (o argumento da outra longa-metragem da produtora, OS FAROLEIROS, foi uma criação original do realizador Maurice Mariaud). Caldevilla empenhou-se particularmente na sua produção, esboçando uma

primeira adaptação do romance de Júlio Dinis, cuja versão final seria depois executada pelo escritor Abílio de Campos Monteiro. A sessão adotará um modelo original, comentando-se o filme mudo a partir das anotações sobrevividas de Caldevilla e de materiais adicionais, em jeito de ensaio audiovisual ao vivo, que nos permite um modo de ver diferente as “Pupilas mudas”, como lhes chamaria Leitão de Barros, em 1935.” (Pedro Almeida Leitão)

► Sábado [08] 18h30 | Sala Luís de Pina
Sessão “O Cinema dos Novos e o Cinema Novo”

AS PALAVRAS E OS FIOS

de Fernando Lopes

Portugal, 1962 – 12 min

VERMELHO, AMARELO E VERDE

de Fernando Lopes

Portugal, 1966 – 9 min

ALTA VELOCIDADE

de António de Macedo

Portugal, 1967 – 17 min

REGISCONTA

de A. A. Almeida
com Vasco Santana

Portugal, 1957-58 – 3 min

1º FESTIVAL PORTUGUÊS DO FILME PUBLICITÁRIO

Portugal, 1962 – 20 min

A COSTUREIRINHA DA SÉ (EXCERTO)

de Manuel Guimarães

Portugal, 1958 – 3 min

O CERCO (EXCERTO)

de António da Cunha Teles

Portugal, 1970 – 10 min

O MAL AMADO (EXCERTO)

de Fernando Matos Silva

Portugal, 1974 – 10 min

duração total da sessão: 84 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE DEBATE COM
EDUARDO CINTRA TORRES, HUGO BARREIRA
E PEDRO ALMEIDA LEITÃO

“As décadas de 50 e 60 são marcadas no panorama cinematográfico por um conjunto de sucessivas experimentações que procuraram afastar o cinema da sua torrente principal, associada às grandes produções. Alimentadas por novas aprendizagens e teorizações, concentradas em problemas sociais e/ou em abordagens formais experimentais, estas vanguardas implementam-se paulatinamente em Portugal, cuja produção de referência é pálida quando comparada com o domínio estrangeiro

do cinema consumido. Imbuída de um espírito proselitista, a nova geração de cineastas, com formação nas áreas das Belas-Artes ou já mesmo das Escolas de Cinema, e períodos no estrangeiro, acreditava no poder que um cinema novo teria na transformação das exigências do público. Esta sessão traz-nos três leituras possíveis para o entendimento do papel da publicidade na história do cinema desta época. A primeira é caracterizada pelos documentários publicitários dos ‘novos’, como Fernando Lopes e António de Macedo, que tiram partido da liberdade do contexto comercial para ensaiarem abordagens formais e narrativas que aplicarão, mais tarde, nos filmes de longa-metragem, com admiráveis respostas às encomendas das empresas. A segunda representa a transformação natural do formato, entre o cinema e a recém-criada televisão, através dos anúncios curtos que se socorrem da animação, do humor e da persuasão para cativar rapidamente o espectador, deixando também antever uma consciência do meio através da constituição de festivais. Por fim, com os excertos das três longas-metragens selecionadas, focados no *product placement*, fechamos o círculo iniciado nos primórdios, com propostas de modelos de produção baseados em parcerias comerciais e nas quais entrevemos os caminhos de afirmação do Cinema Novo.” (Hugo Barreira)

IN MEMORIAM JOSÉ BARAHONA

Para o cineasta José Barahona a viagem do cinema começou (como para quase toda a sua geração) no então Conservatório de Cinema. Entre 1989 e 1992, o futuro realizador frequentou as várias aulas do curso de Cinema e recordou assim a sua experiência multidisciplinar numa crónica recente para o jornal *Público* (de fevereiro de 2023): “No Conservatório Nacional havia um ambiente artístico único onde aprendizes de bailarinos dançavam nos pátios e onde ouvíamos os futuros cantores a fazer escalas no andar de cima. [Nós] víamos filmes e imagens e falávamos sobre os filmes e as imagens.” Ao fim de três anos formou-se na área de som (regressaria à Escola de Cinema, já parte do Politécnico de Lisboa, em 2003, para completar a formação, licenciando-se em realização), e foi assim que iniciou o seu percurso profissional. Trabalhou como diretor ou operador de som em filmes de Margarida Cardoso, Inês de Medeiros, Júlio Alves, Fernando Vendrell, Manuel Mozos ou Rita Azevedo Gomes. No entanto, o seu propósito era outro, realizar. Nesse sentido, a influência do professor António Reis foi determinante. Na mesma crónica, Barahona recordou-o como “a figura que mais influenciou o meu percurso profissional e artístico. (...) Sempre que filmo, enquadrado um plano, ou faço uma escolha cromática, parece que o tenho no ouvido atrás de mim a aconselhar-me e penso sempre no que ele me diria ou pensaria.”

Pouco depois do Conservatório, José Barahona estudou também na famosa Escuela Internacional de Cine y Televisión de Santo António de Los Baños, em Cuba. Num dos seus primeiros artigos publicados na imprensa portuguesa (no *Jornal de Letras* em setembro de 1995 – o realizador era uma figura assídua em jornais e revistas), o jovem estudante descreve a experiência dessa escola “onde a poesia e a liberdade de expressão imperam”, comparando a figura tutelar de Fernando Birri à de António Reis, “capaz de despertar paixões pela pureza cinematográfica tanto quanto pela simples relação humana (como acontecia com António Reis na Escola de Cinema), é a ele que se deve a liberdade existente (...) de pegar na câmara e nos microfones e começar a filmar.” Apesar de Barahona ter estudado também na New York Film Academy, é possível definir o seu cinema como o produto destas duas formas de entender (e ensinar) o cinema. De uma banda, o rigor lírico e significativo de António Reis, por outro a pujança disponível e entusiasta de Fernando Birri. Desta combinação de opostos complementares resulta uma filmografia singular que se afirmou através da ocupação desse território intermedial e ambíguo que aproxima a ficção da prática documental – “Os meus documentários têm muita ficção lá dentro, e os meus filmes de ficção (...) muito documental.” Por isso, José Barahona tornou-se num dos cineastas que mais fizeram avançar o dito Novo Documentário Português que, entre o final dos anos 1990 e o início do novo milénio, se impôs como uma nova vaga estética e prática do cinema nacional.

O seu primeiro filme como realizador, uma média-metragem intitulada *MOITA, UMA TERRA EM FESTA*, foi exibido no Festival da Figueira da Foz e nos Encontros da Malaposta em 1997 – mas está, ao dia de hoje, em parte incerta. De lá até 2024 contam-se cerca de duas dezenas de filmes, entre curtas, médias e longas-metragens onde se exploram diversas abordagens formais e diferentes temáticas: retratos de personalidades, filmes de arquivos, diários filmados, ficções expurgadas, sinfonias rurais, relatos especulativos, dramas sociais, encenações históricas, entre várias outras tipologias. A partir de meados dos anos 2000, o realizador passa a colaborar de forma sistemática com Carolina Dias, através da empresa de produção brasileira Refinaria Filmes. Será no Brasil, com produção de Dias, que Barahona assinará vários dos seus filmes mais recentes, desenvolvendo uma investigação em torno da história das relações coloniais entre Portugal e o Brasil (e outras ex-colónias), nomeadamente em filmes como *O MANUSCRITO PERDIDO*, *NHEENGATU* e o derradeiro *SOBREVIVENTES*.

A Cinemateca presta homenagem a José Barahona (1969–2024), após a sua precoce morte, em novembro do ano passado. Há pouco mais de um ano, em dezembro de 2023, José Barahona esteve na Cinemateca para apresentar aquela que é a sua primeira longa-metragem de ficção, *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*. No intervalo de um ano a doença levou-o. Apresentamos agora alguns dos seus filmes organizados em duas sessões: duas curtas-metragens de ficção e duas longas-metragens documentais híbridas de pendor ensaístico. Destes diálogos propõe-se um olhar sobre a busca enquanto ferramenta narrativa e sobre a memória como reconstituição. Ambas as sessões serão acompanhadas por Carolina Dias e contarão também com a presença de amigos, colaboradores e parceiros artísticos.



BUENOS AIRES HORA ZERO

► Segunda-feira [03] 19H00 | Sala M. Félix Ribeiro

PASTORAL

com João Miguel Rodrigues,
Micaela Cardoso, João Lagarto

Portugal, França, 2004 – 25 min

BUENOS AIRES HORA ZERO

com Lorena Rochón, Bruno Gea,
Mariana Rub, Manuel de “La Boca”

Portugal, Argentina, Brasil, 2004 – 69 min

filmes de José Barahona

duração total da sessão: 94 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Um homem só. Uma mulher em fuga. Ele é mecânico de automóveis, ela atravessa estradas, campos e matas, assustada. Ele está no campo, isolado com os seus pensamentos, ela vem da cidade, temendo tudo e todos. A montagem aproxima as duas personagens, até que o destino propicia o seu encontro (e desencontro). Eis *PASTORAL*, a primeira curta-metragem de ficção assinada por José Barahona, depois de uma década a trabalhar como operador de som e a realizar documentários de encomenda. Uma fábula sobre a alienação contada (quase integralmente) a partir de gestos, olhares e silêncios. A sessão prossegue com *BUENOS AIRES HORA ZERO*, o primeiro documentário pessoal (e narrado na primeira pessoa) do realizador, onde este investiga a história de um homem que se diz descendente dos primeiros portugueses que, no século XVIII, fundaram a cidade de Colónia do Sacramento, no Uruguai. Barahona vai no encaixe dessa figura misteriosa e acaba na vizinha Buenos Aires. Só que a capital argentina está em polvorosa (“é a Hora Zero”): o realizador chega a Buenos Aires pouco depois dos protestos de dezembro de 2001 que levaram à renúncia do Presidente Fernando de la Rúa. Assim, ao sabor da descoberta, aquilo que deveria ser o retrato de um homem transforma-se no retrato caleidoscópico de uma cidade cosmopolita.

► Terça-feira [04] 19H30 | Sala Luís de Pina

QUEM É RICARDO?

de José Barahona
com Augusto Portela, António Marques, Luís Mascarenhas,
João Didelet, Heitor Lourenço, André Gago

Portugal, 2004 – 35 min

ALMA CLANDESTINA

de José Barahona
com Sara Antunes, Paulo Azevedo

Brasil, 2018 – 100 min

filmes de José Barahona

duração total da sessão: 135 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Seis dias e seis noites sem dormir. Seis dias e seis noites de interrogatórios e espancamentos. Seis dias e seis noites nos calabouços da PIDE. E sempre uma pergunta na boca dos esbirros, “Quem é Ricardo?” A partir de um argumento original do escritor Mário de Carvalho, José Barahona filma o processo de detenção e tortura de um preso político (Augusto Portela) algures durante a década de 1970. Nem o preso nem os “agentes” têm nome, não é claro o motivo da prisão nem a organização política a que o “senhor engenheiro” pertence, esbatem-se as referências para que sobre apenas – e só – a barbárie da ditadura do Estado Novo. Por sua vez, ALMA CLANDESTINA desenvolve esta mesma investigação em torno de Maria Auxiliadora Lara Barcellos, “uma das figuras mais belas e trágicas da resistência à ditadura brasileira”. Também ela foi presa, torturada, banida e exilada – acabando por se suicidar, em 1976, numa estação de metro em Berlim. Barahona construiu um filme-ensaio sensorial sobre a luta e a história de Maria Auxiliadora, onde o teatro se cruza com os documentos, e estes com as imagens de arquivo, produzindo um retrato em forma de palimpsesto. “Este é o filme que eu devia ao Brasil, que tanto me deu e dá” (José Barahona).

COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta rubrica regular feita em colaboração com a livraria Linha de Sombra, este mês assinalamos dois lançamentos através de duas sessões de cinema. No dia 18, propomos a exibição de EL PRIMER AÑO, de Patricio Guzmán, após a apresentação do livro *Memórias em Movimento – História e Trauma nos Cinemas Ibero-Americanos* na presença dos investigadores Iván Villarme Álvarez, Silvana Mariani e Júlia Vilhena Rodrigues, responsáveis pela organização da obra. A 19, a pretexto do lançamento de um novo volume da coleção “folhas da Cinemateca”, desta vez sobre os filmes de Abbas Kiarostami, exibimos O SABOR DA CEREJA.

► Terça-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

EL PRIMER AÑO

de Patricio Guzmán
com Françoise Arnoul, François Périer, Georges Riquier

Chile, 1972 – 90 min
doblado em francês, legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

O filme começa na manhã de 5 de setembro de 1970, no Chile, poucas horas depois da vitória, com maioria relativa, do primeiro governo socialista democraticamente eleito da América Latina. Este viria a ser deposto, três anos depois, pelo Golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet, também documentado por Patricio Guzmán no seu mais ambicioso projeto, LA BATALLA DE CHILE. EL PRIMER AÑO, como o próprio nome indica, acompanha o primeiro ano da Unidad Popular, e de Salvador Allende, homem que mantinha na sua secretária uma obra de Che Guevara com dedicatória do mesmo, onde se lia: “Para Salvador Allende, que tenta alcançar o mesmo por outros meios”, reforçando a posição reformista do mítico líder Socialista. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TA'M E GUILASS

O Sabor da Cereja

de Abbas Kiarostami

com Homayun Ershadi, Adbol Hosein, Baghen,
Safar Ali Moradi, Mir Hosein Noori

Irão, 1997 – 98 min / legendado em português | M/12

Um carro branco atravessa uma paisagem de colinas empoeirada. Guia-o um homem de 50 anos, o senhor Badii, que decidiu suicidar-se e anda à procura de alguém disponível para encher de terra o túmulo que ele próprio escavou, ou a levá-lo para casa, se mudar de ideias. A ideia do filme surgiu da leitura de um aforismo de Cioran: “Se não existisse a possibilidade do suicídio, já me teria morto há muito tempo.” É o filme que Kiarostami completou com um prólogo que assume a diferença também na espessura da imagem.

A CINEMATECA COM A MONSTRA: SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO

No próximo mês de março realiza-se a 25ª edição da MONSTRA, o festival de cinema de animação de Lisboa que decorre desde o ano 2000, e com o qual a Cinemateca tem colaborado nos últimos anos. Voltamos a associar-nos ao festival, já em fevereiro, através de uma sessão de antecipação em que é apresentada uma seleção de curtas-metragens.

► Quinta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

SHOES AND HOOVES

de Viktória Traub

Hungria, 2024 – 15 min

O

de Paul Wenninger

Áustria, 2021 – 6 min

PLEVEL

de Pola Kazak

Chéquia, 2024 – 14 min

LES FILLES C'EST FAIT POUR FAIRE L'AMOUR

de Jeanne Paturle, Cécile Rousset e Jeanne Drouet

França, 2024 – 16 min

SPOOKY LOOPS

de Stas Santimov

Ucrânia, 2024 – 4 min

EN SORTANT DE L'ÉCOLE, APOLLINAIRE:

VILLE ET COEUR

de Anne-Sophie Raimond

França, 2016 – 3 min

FUSION

de Richard R. Reeves

Canadá, 2024 – 3 min

DON'T KNOW WHAT

de Thomas Renoldner

Áustria, 2018 – 8 min

duração total da sessão: 69 min | legendados em português | M/12

O conjunto de filmes selecionados para esta antevisão da MONSTRA reflete uma visão plural dos temas a ser explorados pelo festival, como a identidade, desejo, resistência ou até

os limites do próprio *medium*. Em SHOES AND HOOVES, Paula, uma jovem centaura, enfrenta os dilemas de autodescoberta e aceitação. Já O retrata um bailarino-cineasta que, inspirado por Paul Virílio, reflete sobre estados de “inércia polar” num minimalismo coreográfico. PLEVEL transforma o cuidado de uma jardineira com o seu jardim numa luta visceral contra uma invasão de ervas daninhas, alegorizando o equilíbrio entre medo e resistência. Em LES FILLES C'EST FAIT POUR FAIRE L'AMOUR, uma socióloga investiga a sexualidade de mulheres heterossexuais, discutindo desejo, amor e caminhos de emancipação. SPOOKY LOOPS reúne 13 micro-narrativas animadas sobre sonhos e medos, enquanto EN SORTANT DE L'ÉCOLE, APOLLINAIRE: VILLE ET COEUR celebra a poesia de Apollinaire, onde a cidade pulsa no ritmo do coração do poeta. FUSION explora as interseções entre som e imagem como música visual, e DON'T KNOW WHAT desafia o espectador com austeridade formal, questionando as fronteiras do próprio cinema.

ANTE-ESTREIA

Apresentamos este mês, numa primeira apresentação em Portugal, um *remake* em língua inglesa de BRANCA DE NEVE de João César Monteiro.

► Quinta-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SCNHEEWITTCHEM

“Branca de Neve”

de Stanley Shtinter

com Julie Christie, Stephen Dillane, Toby Jones, Stacy Martin, Hanns Zischler

França, Reino Unido, 2024 – 70 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE STANLEY SHTINTER

SCNHEEWITTCHEM, de Stanley Shtinter, é um *remake* de BRANCA DE NEVE (2000), de João César Monteiro, inspirado na peça homónima de Robert Walser. Tal como na obra do realizador português, a tela permanece quase sempre negra, interrompida apenas por vozes e breves imagens de nuvens. Shtinter aprofunda a proposta radical de João César Monteiro, deslocando o foco do visual para o sonoro e transformando o conto dos irmãos Grimm numa anti-fábula contemporânea.

O QUE QUERO VER

Para ver em fevereiro nas escolhas dos espectadores da Cinemateca: L'ENFER, de Claude Chabrol.

► Sábado [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

L'ENFER

Inferno

de Claude Chabrol

com Emmanuelle Béart, François Cluzet, Nathalie Cardone, André Wilms

França, 1994 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Como filme de género, L'ENFER de Chabrol encaixa no “thriller psicológico”. Narrativamente, a história segue a personagem de um homem em conflito consigo próprio e em louca escalada fatal: Proprietário de um *resort* hoteleiro, Paul (Cluzet) forma um casal com a personagem de Béart, aparentemente feliz... a obsessão e a paranoia dele em relação a ela desenvolve-se sob a forma da suspeição e do ciúme, transformando a história conjugal em conto negro.

01 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA

UMARETE WA MITA KEREDO
"Nasci, Mas..."
de Yasujiro Ozu

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

THE SEARCHERS
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | O QUE QUERO VER

L'ENFER
de Claude Chabrol

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

FORTY GUNS
de Samuel Fuller

03 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

RIO CONCHOS
de Gordon Douglas

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IN MEMORIAM JOSÉ BARAHONA

PASTORAL
BUENOS AIRES HORA ZERO
de José Barahona

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

NO NAME ON THE BULLET
de Jack Arnold

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

THE SEARCHERS
de John Ford

04 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

GUNMAN'S WALK
de Phil Karlson

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

BONJOUR LA LANGUE
de Paul Vecchiali

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IN MEMORIAM JOSÉ BARAHONA

QUEM É RICARDO?
ALMA CLANDESTINA
de José Barahona

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

MAN OF THE WEST
de Anthony Mann

05 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

RIO BRAVO
de Howard Hawks

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

CASABLANCA
de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

SIMONE BARBÈS OU LA VIRTU
de Marie-Claude Treilhou

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

RIO CONCHOS
de Gordon Douglas

06 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

RIDE LONESOME
de Budd Boetticher

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DE CALDEVILLA AO CINEMA NOVO

**CURTAS-METRAGENS "A PUBLICIDADE POSSÍVEL,
DO MUDO AO SONORO"**
de vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

MALADIE
LA MACHINE
de Paul Vecchiali

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

A TOLONC
"O Exílio"
JON AZ OCSEM
"O Meu Irmão está a Chegar"
de Michael Curtiz

07 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

NO NAME ON THE BULLET
de Jack Arnold

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | DE CALDEVILLA AO CINEMA NOVO

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR
de Maurice Mariaud

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

FORTY GUNS
de Samuel Fuller

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

LES BELLES MANIÈRES
de Jean-Claude Guiget

08 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA

ESTIU 1993
de Carla Símon

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

RIO BRAVO
de Howard Hawks

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | DE CALDEVILLA AO CINEMA NOVO

**CURTAS-METRAGENS "O CINEMA DOS NOVOS E O
CINEMA NOVO"**
de vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

SODOM UND GOMORRHA
de Michael Curtiz

10 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

MAN OF THE WEST
de Anthony Mann

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

GUNMAN'S WALK
de Phil Karlson

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

**BEAU TEMPS MAIS ORANGEUX EN FIN DE
JOURNÉE**
de Gérard Frot-Coutaz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE THIRD DEGREE
de Michael Curtiz

11 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE STRANGE LOVE OF MOLLY LOUVAIN
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

RIDE LONESOME
de Budd Boetticher

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

ARCHIPEL DES AMOURS
vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

YANKEE DOODLE DANDY
de Michael Curtiz

12 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

DAY OF THE OUTLAW
de André De Toth

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE HELEN MORGAN STORY
de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

RUPTURE TANGO
de Jacques Gibert
LA FILLE DU MAGICIEN
de Claudine Bories

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

FRANCIS OF ASSISI
de Michael Curtiz

13 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE KENNEL MURDER CASE
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE MYSTERY OF THE WAX MUSEUM
de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

LES BELLES MANIÈRES
de Jean-Claude Guiget

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

CAUCHEMAR
de Noël Simsolo

14 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

COMANCHE STATION
de Budd Boetticher

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

DAY OF THE OUTLAW
de André De Toth

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

ECCO HO LETTO
LA PARTENZA
CE QUE CHERCHE JACQUES
LA SŒUR DU CADRE
de Jean-Claude Biette

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE SEA WOLF
de Michael Curtiz

15 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA

**COLECIONADORES DE RARIDADES: CINE-PERFORMANCE
ASSOA O NARIZ E... PORTA-TE BEM!**
de Monique Rutler

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN

THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL

SIMONE BARBÈS OU LA VIRTU
de Marie-Claude Treilhou

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE EGYPTIAN
de Michael Curtiz

17 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

CASABLANCA
de Michael Curtiz19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**UN SOUPÇON D'AMOUR**
de Paul Vecchiali19H30 | SALA LUÍS DE PINA | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN**COMANCHE STATION**
de Budd Boetticher

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE MYSTERY OF THE WAX MUSEUM
de Michael Curtiz

18 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

YANKEE DOODLE DANDY
de Michael Curtiz19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**EN RACHÂCHANT**
CÉZANNE

de Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA

EL PRIMER AÑO
de Patricio Guzmán

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE STRANGE LOVE OF MOLLY LOUVAIN
de Michael Curtiz

19 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE HELEN MORGAN STORY
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

TA'M E GUILASS
O Sabor da Cereja
de Abbas Kiarostami19H00 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**RUPTURE TANGO**
de Jacques Gibert**LA FILLE DU MAGICIEN**
de Claudine Bories21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN**CHEYENNE AUTUMN**
de John Ford

20 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

FRANCIS OF ASSISI
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

SCNHEEWITTCHEN
"Branca de Neve"
de Stanley Shtinter19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**WONDER BOY – DE SUEUR ET DE SANG**
de Paul Vecchiali

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE KENNEL MURDER CASE
de Michael Curtiz

21 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
ERA UMA VEZ... O WESTERN**CHEYENNE AUTUMN**
de John Ford

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IMAGENS DE JAVIER CODESAL

BOCAMINA
CALAVERA RESUMIDA
de Javier Codesal19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**BEAU TEMPS MAIS ORANGEUX EN FIN DE**
JOURNÉE
de Gérard Frot-Coutaz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

MILDRED PIERCE
de Michael Curtiz

22 SÁBADO

11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA | CINEMATECA JÚNIOR
OFICINA**BRINQUEDOS ÓTICOS: A MAGIA DAS IMAGENS EM**
MOVIMENTO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR / FILMSCHOOL

SESSÃO DE CURTAS-METRAGENS
vários realizadores

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IMAGENS DE JAVIER CODESAL

AS FILHAS DO FOGO
de Pedro Costa**JAVIER CODESAL CONVERSA COM PEDRO COSTA**19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**CAUCHEMAR**
de Noël Simsolo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IMAGENS DE JAVIER CODESAL

EVANGELIO MAYOR
de Javier Codesal

24 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE SEA WOLF
de Michael Curtiz18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA
CARPENTER / THORET**ASSAULT ON PRECINCT 13**
de John Carpenter19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**ARCHIPEL DES AMOURS**
vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE CHARGE OF THE LIGHT BRIGADE
de Michael Curtiz

25 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

ROMANCE ON THE HIGH SEAS
de Michael Curtiz18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA
CARPENTER / THORET**HALLOWEEN**
de John Carpenter19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**EN RACHÂCHANT**
CÉZANNE
de Jean-Marie Straube, Danièle Huillet21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**PAS... DE QUARTIER**
de Paul Vecchiali

26 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE EGYPTIAN
de Michael Curtiz18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA
CARPENTER / THORET**THE THING**
de John Carpenter19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**MALADIE**
LA MACHINE
de Paul Vecchiali21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**LES SEPT DESERTEURS DE LA GUERRE EN VRAC**
de Paul Vecchiali

27 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

MILDRED PIERCE
de Michael Curtiz18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA
CARPENTER / THORET**CHRISTINE**
de John Carpenter19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM A MONSTRA
SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO**CURTAS-METRAGENS**
vários realizadores21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**TRAINS DE VIES OU LES VOYAGES D'ANGELIQUE**
de Paul Vecchiali

28 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA
CARPENTER / THORET**STARMAN**
de John Carpenter18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA
CARPENTER / THORET**THE RESURRECTION OF BRONCHO BILLY**
de James R. Rokos
THEY LIVE
de John Carpenter19H30 | SALA LUÍS DE PINA | PAUL VECCHIALI,
FAZER CINEMA NA DIAGONAL**ECCO HO LETTO**
LA PARTENZA
CE QUE CHERCHE JACQUES
LA SŒUR DU CADRE
de Jean-Claude Biette

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

ROMANCE ON THE HIGH SEAS
de Michael Curtiz

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes - 3,20 €

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 €

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h30 - 01h00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

VENDA DE BILHETES

BILHETEIRA LOCAL (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt**MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS:** Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €

(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.**MAIS INFORMAÇÕES:** <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>**PONTOS DE VENDA ADERENTES** (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)